

Sobre a Oração
Irmão Basílio Rueda



Sobre a Oração
Irmão Basílio Rueda



CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO TÉCNICA
Grupo Marista | Assessoria de Comunicação Institucional
e Setor de Vida Consagrada e Laicato

SUPERIOR PROVINCIAL
Irmão Joaquim Sperandio

VICE PROVINCIAL
Irmão Bene Oliveira

PRODUÇÃO
Assessoria de Comunicação Institucional
e Setor de Vida Consagrada e Laicato

Angelo Alberto Diniz Ricordi • Bruno Manoel Socher • Dercio Berti •
Dyógenes Philippsen Araújo • Ernesto Sienna • Fabíola Roes •
Francieli Nierotka • Irene Elias Simões • Irmão Bene Oliveira •
Irmão Antonio Estaún • Irmão Cezar Cavanus • Irmão Tercílio Sevegnani •
Juliana Maria Fontoura • Rosana da Silva Alves • Volnei Sevenhani

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Irene Elias Simões • Angelo Alberto Diniz Ricordi

TEXTOS
Irmão Basílio Rueda, fms • Irmão Ivo Antonio Strobino

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Estúdio Sem Dublé

REVISÃO
Irmão Aloísio Kuhn • Irmão Ivo Antonio Strobino • João Gonçalves Fedel

IMAGENS
João Borges

S677 Sobre a oração: Irmão Basílio Rueda / [organizador] Grupo Marista; textos,
2016 Basílio Rueda, Ivo A. Strobino. – Curitiba : Champagnat, 2016
93 p. ; 23 cm

Bibliografia: p. 93
ISBN 978-85-7292-383-5
ISBN 978-85-7292-386-6 (online)

1. Oração. 2. Vida religiosa. 3. Meditação. 4. Irmãos Maristas – Biografia.
I. Grupo Marista. II. Rueda, Basílio. III. Strobino, Ivo Antonio.

CDD 23. ed. – 248.32

Sumário

Dados Biográficos	12
-------------------	----

O que é a oração?	20
-------------------	----

Sobre a Oração	34
----------------	----

Orar com o Irmão Basílio Rueda	46
--------------------------------	----

Anexo: Sobre a oração interior	76
--------------------------------	----

Ir. Ivo Antonio Strobino

Considerações finais	90
----------------------	----



Apresentação

Em 21 de Janeiro de 2016 celebramos os vinte anos do falecimento do Servo de Deus Ir. Basílio Rueda. Para melhor celebrarmos essa data comemorativa pensamos em divulgar e tornar acessível a um maior número de pessoas o seu grande patrimônio histórico e espiritual, seus belíssimos escritos, que antes de serem produto de sabedoria humana, constituem-se num grande testemunho de alguém que experimentou em sua vida o amor de Deus e, conseqüentemente, deixou-se transformar por ele. Numa das suas mais célebres afirmações sobre o amor de Deus, escreveu:

“Quem conheceu a fascinação do amor de Deus sabe que não se pertence mais. A alma, com efeito, não pede, ela se doa, e desse dom nasce a grande intuição: a vida só vale a pena ser vivida se amamos incondicionalmente e se estamos dispostos a arriscar tudo numa só cartada. Põe-se, portanto, a vontade do Senhor bem acima do amor de si mesmo, e o desejo se reduz a uma disponibilidade absoluta”.

A narrativa de Basílio é fiel testemunho da sua pessoa. Aqueles que o conheceram sabem que ele não vivia para si. Sua vida pode e deve ser lida na autêntica doação ao Instituto Marista, a seus Irmãos, à Igreja e a todas as pessoas que tiveram a graça de conhecê-lo. Exemplo de confiança na bondade e misericórdia de Deus, ofereceu sua vida a ponto de arriscar tudo pelo Reino. Por isso, celebrar a memória do Irmão Basílio é mais que recordar alguém do passado; é antes recordar alguém que nos ajudou a construir o presente, alguém que soube ser o instrumento de Deus na condução desse “novo começo”

que estamos celebrando com a chegada do Bicentenário do Instituto Marista.

Podemos e devemos afirmar que Basílio Rueda foi um verdadeiro profeta entre nós. A palavra profeta, em grego *prophetes*, é composta pela junção do sufixo *pro*, que designa lugar de, com o verbo *phemy*, que significa anunciar, falar. Na tradição bíblica profeta é aquele que fala em nome de Deus. Mas, é justamente por ter Deus no horizonte da sua existência que o faz enxergar mais longe.

Basílio esteve à frente do Instituto Marista na recepção do Concílio Vaticano II. Soube harmonizar os anseios de mudanças e ao mesmo tempo assegurar a fidelidade ao Evangelho e ao carisma de São Marcelino e dos primeiros Irmãos. Após 20 anos de sua morte estamos às portas da celebração do Bicentenário de Fundação do Instituto Marista convidados a desbravar um “Novo Começo”. Que pela intercessão do Venerável Basílio Rueda, possamos trilhar com fidelidade esse caminho guiados por dois ícones: a centralidade da oração e a redescoberta de Maria.

Pela oração nos aprofundamos na dimensão mística, profética e missionária do nosso Instituto.

“Nosso sonho é que nós, Maristas de Champagnat, sejamos reconhecidos como MÍSTICOS porque: somos evangelizadores com espírito e fomos transfigurados por Deus e por isso, tornamos visível o rosto mariano da Igreja”.

Pela redescoberta de Maria, nos colocamos apaixonadamente no seguimento de Jesus Cristo a partir do jeito de Maria:

“Ser Maria não é, simplesmente, ter um instinto maternal

para cuidar ou uma disposição para a solidariedade fraterna. Ser Maria não é apenas ter um estilo mariano de se relacionar, de oferecer esperança, humildade, de resiliência, de inclusão, de simplicidade ou de generosidade. Ser Maria é, antes de tudo, estar aberto ao movimento do espírito de Deus nas profundezas do ser; é ser submisso ao Espírito para que a vida do próprio Deus crie raízes e floresça. Ser Maria é ser, como ela, um discípulo. É partir para a região montanhosa do mundo dos jovens, levando-lhes as boas-novas de um Deus fiel, misericordioso e justo; trazendo-lhes Jesus. É ir ao encontro do desanimado e daquele sem esperança na Igreja nascente”. (Ir. Michael Green)

Por tudo isso, temos a grata satisfação em apresentar esse pequeno trabalho, que oxalá pudesse ser uma introdução ao tema da oração nos escritos do Ir. Basílio Rueda. O primeiro ponto traz seus dados biográficos mais significativos, que ajudam a contextualizar seus escritos no quadro mais amplo de sua vida. Busca-se, então, responder à pergunta “O que é oração?”, não de forma abstrata, mas com dicas práticas e acessíveis a todos. Segue uma seleção de textos, mais teológicos, que revelam a densidade da reflexão do Ir. Basílio sobre o tema da oração. Por fim, são propostos dez breves roteiros de oração, sobre temas diversos da espiritualidade marista, que podem ser utilizados de diferentes ocasiões.

Ao final, há uma bela reflexão Ir. Ivo Strobino sobre a Oração Interior. Trata-se de uma aproximação à oração tendo como horizonte o tema da Presença de Deus em Marcelino Champagnat, em uma leitura para os dias atuais.

Com essa publicação marcamos as celebrações dos 20 anos da morte do Ir. Basílio Rueda entre nós, acontecida em 21 de janeiro de 1996. Que este ano seja também um momento de redescoberta dos seus escritos, de pedirmos a Deus pela causa de sua canonização e pela sua intercessão a toda a família marista.

Curitiba, 06 de Junho de 2016.
Festa de São Marcelino Champagnat
Fundador do Instituto dos Irmãos Maristas



*Aspectos
Biográficos
do Irmão
Basílio Rueda*

ASPECTOS BIOGRÁFICOS DO IR. BASÍLIO RUEDA

Basílio Rueda Guzmán nasceu em 16 de outubro de 1924, em Acatlán de Juárez, México. Foi o quarto filho da família e recebeu, no batismo, os nomes de José Basílio. Aos quatro anos perdeu a mãe. Aos 18 anos, em julho de 1942, entrou para o Juvenato dos Irmãos Maristas em Tlalpán. Em 1º de Janeiro de 1950 emitiu os votos perpétuos no Instituto. Já em 1947 iniciou sua carreira como docente. Entusiasmava os alunos, criando entre eles e entre seus colaboradores um ambiente de sadia emulação. Insere-se logo nos grupos da Ação Católica, de animação da catequese nos bairros populares. Desempenha papel importante na organização dos “Cursilhos de Cristandade”.

Em 17 de dezembro de 1961, defendeu sua dissertação de mestrado em Filosofia, com o tema “Ser e Valor”. Verdadeira tese de doutorado, na opinião dos professores. Entrementes, é professor no Juvenato de Querétaro, depois diretor de 1955 a 1957. Termina esse período inicial de seu apostolado como professor do Centro Universitário Marista. Seus estudos universitários, sua participação ativa nos Cursilhos, os cursos de Filosofia que ministra aos estudantes Jesuítas, constituem sua primeira abertura para um mundo mais vasto do que o horizonte marista e revelam sua ousadia apostólica.

De 1960 a 1964 é membro da equipe do padre Ricardo Lombardi, no Movimento “Mundo Melhor”, em Roma. No Equador, será o principal responsável desse Movi-

mento, dando retiros e conferências aos mais variados ouvintes: operários, políticos, gente de Igreja e pessoas consagradas. Percorre também países vizinhos: Colômbia, Venezuela, Chile.... Acostuma-se a tratar problemas nacionais, internacionais, políticos, econômicos, religiosos e passar à sua equipe e a seus ouvintes as ideias do Vaticano II. Para ele e para nosso Instituto é um momento de graça extraordinária: Basílio, nosso futuro Superior Geral, aprende a respirar com os pulmões da Igreja e do mundo, a avaliar os homens e os problemas com horizontes bem amplos. Embora trabalhando fora do Instituto e sendo ele Irmão, diretor de uma equipe de sacerdotes, afirma constantemente sua pertença incondicional ao Instituto. A fibra marista será sempre muito forte na alma de Basílio.

De 1965 a 1967 é nomeado Diretor do Segundo Noviciado, na Espanha, Sigüenza primeiro, depois em El Escorial. Revolucionaria os cursos com aportes modernos, com mais respeito à pessoa, maior centralização no Evangelho, abertura aos apelos do Concílio e aos problemas do mundo em mudança. Praticamente transfere o espírito e a experiência que lhe havia proporcionado o Movimento “Mundo Melhor” nesse Centro de Formação Marista. Os noviços entusiasmam-se com ele, nele encontram alguém que lhes abre autoestradas intelectuais e apostólicas no mundo em plena mudança. Contudo, Basílio continua simples, cordial, atento aos gestos humanos, pronto para o bom humor. Possui a arte de acalmar a situação. Seus êxitos em todos os domínios lhe valeram ser eleito como delegado ao Capítulo Geral de 1967.

Em 24 de setembro de 1967, para a grande surpresa de todos, é eleito Superior Geral, para um primeiro período de 9 anos. Foi uma surpresa e uma alegria. Surpresa, porque não tinha à disposição nenhum dos trunfos clássicos para se tornar Superior: não fora Conselheiro-Geral nem Provincial. Alegria, por termos à testa do Instituto um homem muito dotado intelectualmente e aberto, com larga experiência internacional. E a sua tarefa era excepcional: renovar o Instituto pela volta às fontes, como exigiam o Concílio (*aggiornamento*) e a evolução rápida da sociedade. Começa logo a percorrer o mundo marista para conhecer sua realidade. Deixa a administração direta a seu Vigário, Irmão Quentin Duffy, e toma para si a animação pastoral: viagens, visitas às comunidades e muito tempo dedicado à escuta dos Irmãos ou a escrever-lhes. Praticamente ele estará constantemente em viagem para ver os Irmãos, lá onde trabalham, e para animar diretamente os Retiros de quase todas as Províncias. É o período difícil que se segue ao Concílio: o mundo, a Igreja, a Vida Consagrada que mudam rapidamente; a juventude contestadora; a geração adulta inquieta. Basílio empreende com firmeza as mudanças solicitadas pelo Concílio.

Durante esse período, escreve Circulares notáveis: *Um Capítulo para o mundo de hoje*; *Os Apelos da Igreja e do Fundador*; *Prática sobre a Oração*; *A Vida Comunitária*, esta última, obra-prima, lida e estudada por outras Congregações religiosas; *Entrevista sobre a Oração e Um novo espaço para Maria*. A Circular sobre a *Obediência* é uma joia de compreensão da Vida Religiosa. Todas elas

revelam-no lúcido em relação ao mundo e às pessoas, conhecedor dos documentos conciliares e capaz de comunicá-los; revelam-no, sobretudo, como um homem profundamente religioso e familiarizado com Deus.

Em 1976, contra sua previsão, pois as malas estavam prontas para deixar a Casa Geral, o Irmão Basílio foi reeleito Superior-Geral com maioria de votos. Como já fizera anteriormente, vai entregar-se de corpo e alma, às visitas, à animação de Retiros, à direção espiritual. Desse segundo mandato como Superior Geral datam as Circulares: *Projeto de Vida Comunitária*, que deu às comunidades um estilo de vida mais evangélico e mais capaz de responder aos apelos do mundo atual; *Um novo espaço para Maria*, com muitos pontos de vista exegéticos que se antecipam a seu tempo, e com espaços de confidências de vários Irmãos sobre a devoção pessoal em relação à Boa Mãe; a Circular sobre a *Oração*, que será uma das mais apreciadas, correspondendo também a um dos mais constantes empenhos do Irmão Basílio, pois em todos os Retiros que dava, a oração tinha lugar preponderante; enfim a Circular sobre a *Fidelidade* que é, por assim dizer, o seu canto do cisne, o grande Magnificat que ele faz o Instituto cantar. Uma das suas alegrias ao expedir essa Circular, como ele escreveu, foi a de ter redigido “parágrafos de glória em honra da Igreja, relatando o testemunho da fidelidade de tantos Irmãos!”

Em 1985, ao terminar o segundo mandato, desfrutava de um ano sabático, consagrando grande parte dele à oração e à espiritualidade, quando também realizou uma peregrinação à Terra Santa. Nos 18 anos em que foi Supe-

rior Geral, exatamente num dos períodos mais tormentosos da Igreja e da Vida Religiosa, percorreu milhares de quilômetros; dirigiu centenas de retiros e conferências; utilizou muito os meios que a IBM proporcionava na época, para inserir dados e obter estatísticas, a fim de apresentar resultados sérios nas suas pesquisas; escreveu quase 2.500 páginas de Circulares e mais de 50.000 cartas; recebeu para entrevista milhares de sacerdotes, amigos, antigos alunos e, sobretudo, Irmãos! A muitos desses Irmãos continuou acompanhando diretamente.

Em 1986 retornou ao México, onde foi Mestre de Noviços na Província do México Central. E, convidado pelo Irmão Charles Howard, seu sucessor, pôe todo seu empenho para criar a Família Marista. Contudo, não ficará em seu país por muito tempo, pois em 1990, assume a pedido do Superior-Geral a direção do Curso de 18 meses para Mestres de Noviços, no Oásis, perto do lago Albano (Roma). Era tão grande a confiança nele depositada que se lhe confiou a responsabilidade dos futuros Mestres de Noviços do mundo marista, o porvir da Congregação.

De 1991 a 1996 voltou à sua missão de Mestre de Noviços para as duas Províncias mexicanas. No meio dos jovens foi pai, formador, irmão, amigo. Criou amplos espaços de liberdade, de alegria, de família e intimidade com Deus, na simplicidade. O programa de formação que havia elaborado e o grupo de conferencistas que trazia para a Casa de Formação, nos deixam surpreendidos pela seriedade, amplitude e equilíbrio humano a que visava. Sabia formar homens e apóstolos!

Faleceu no dia 21 de janeiro de 1996, quando entrou na

Páscoa definitiva retornado para o Pai. A missa de exéquias foi celebrada a 23 de janeiro. Foi uma apoteose de gratidão e de amor. Conforme sua vontade, foi cremado, e as cinzas repousam na casa da Quinta Soledad, Casa Provincial de México Central.

O Irmão Basílio nos enriquece com sua pessoa, seu pensamento, a profunda afeição que nutria para cada Irmão. E é tudo isso que ele continua dando, hoje, a cada um de nós.



*O que é a
oração?*

O QUE É A ORAÇÃO?

Para responder a essa pergunta, retomamos duas Circulares¹ do Irmão Basílio Rueda com o mesmo nome, *Prática sobre a Oração*, de 1973 e de 1981. Na primeira, ele nos recorda os quatro grandes princípios da oração. Na segunda, fala-nos de aspectos mais práticos, o que rezar e como rezar.

“Ao termo” Oração dou o sentido estrito, como em francês, embora não tenha em outras línguas uma tradução tão específica. Refiro-me a esse espaço de tempo que o Padre Champagnat queria que os Irmãos consagrassem diariamente a passar num “eu a tu” pessoal com Deus. Muitas vezes ele se perguntava se não devia consagrar a essa oração duas vezes meia-hora por dia, em vez de uma só. O termo empregado pela tradição marista é Meditação. Em si é um termo bastante inadequado. Entretanto, está bem claro que com esse termo sempre se quis designar a oração. Eis o que o Ir. Francisco diz numa de suas conferências: “O religioso deve ser um homem essencialmente de oração. Daí o cuidado em iniciar os noviços a um método que os faça gostar da oração mental. Esta é a oração por excelência onde Deus fala ao coração e onde o coração fala a Deus, sem intermédio de

¹ As Circulares são cartas coletivas, documentos oficiais emanados da autoridade maior de uma Congregação Religiosa, documentos com finalidade formativa e de atualização do carisma próprio, dirigidos a todos os membros da Congregação. Entre nós, maristas, numa tradição que remonta a Marcelino Champagnat e aos primeiros Irmãos, temos Circulares que comunicam desde questões práticas a questões de ordem espiritual, como é o caso das Circulares do Irmão Basílio.

fórmulas, mas pela única atração da alma que se eleva até a fonte de todo o bem. É sobretudo ali que cultivamos e conseguimos o recolhimento e o espírito interior que animam e santificam as nossas ações, sem o que elas não são virtuosas” (Carta Sobre a Oração, p.16).

O que é a oração?

1) É o início, a essência e a antecipação da transcendência

“A oração em si mesma é o começo, o balbuciar de um diálogo que encontrará depois todo o seu esplendor. É a essência e antecipação da transcendência. O coração cristão só funciona bem se houver sístole e diástole. Sem o duplo movimento: oração e vida, nossa oração é uma evasão”.

Basílio explica, de início, que a oração é um modo de ser, é estar diante de Deus. “A oração não é um ‘eu sou para tal coisa’, mas um ‘eu sou’ com todas as exigências do ser”. Ele cita um caso acontecido, quando pregava o Retiro para um grupo de Irmãos, na cidade de Ávila, Espanha. “Alguns Irmãos cheios de zelo, após o retiro, foram visitar certo homem, doente incurável, chamado Juan. E entre outras coisas, perguntaram-lhe: “Que será para você a vida eterna?”. A resposta foi esta: “Continuar a fazer o que estou fazendo: contemplar!”

Basílio esclarece então a definição: “A oração é em si o começo, o balbuciar dum diálogo, que depois vai encontrar todo o seu esplendor”. Assim compreendida, “a oração vale por si mesma”: ela é esse diálogo indispensável com o Criador.

“Em sentido estrito, a oração é conversar com Deus, graças à fé, no amor e com amor. Aquele que fala com Deus fora do amor, não reza. Também não reza aquele que não ama. Rezar é falar com Deus no universo da fé e pela força do amor... Eis o que é rezar...”

2) Para o cristão é uma necessidade psicoteológica vital

Para fazer-se entender, Basílio desce à definição do ser cristão:

 Não aquele que ‘pratica’, mas aquele em quem a vida de Jesus se derrama, pelo Espírito de Jesus. Ora, se vive com Jesus, é na medida em que o Batismo sobe nele como espuma que lhe invade o coração, a cabeça, os critérios de seu julgamento, a consciência. Lá onde remonta o Batismo, aí a necessidade da oração se faz sentir.

Diante desse conceito de cristão, podemos supor o que Basílio vive: ele vive pelo Cristo e pelo Espírito do Cristo, e essa presença lhe está no coração, na cabeça, nos critérios, na consciência, como o amor de Cristo, o pensamento de Cristo, os critérios de Cristo e a consciência de Cristo. Eis o que torna claras também frases frequentes em Basílio, sob diferentes formas – “o Cristo sou eu, e eu sou o Cristo”. Para se chegar a esse estágio haverá outros caminhos, a não ser a oração? E se isso se converte em ideal, em paixão, como vivê-lo senão, antes de tudo, na oração que reaviva a consciência desse ideal e lhe permite existir?

E Basílio precisa ainda um segundo conceito:

Fundamentalmente, a oração é o exercício da fé; mas a fé é diálogo; ela não consiste em ruminar aquilo que se crê, mas consiste em falar ‘com’, ‘a respeito de’, ou ‘a partir de’. Ela pede aquilo que ama e que, no entanto, não está na fé. Ela exprime o amor que já palpita no coração. Sim, fundamentalmente, a oração é isso. Mas a oração cristã não se limita ao pedido. É diálogo de fé e esperança; fé que está em contato com o mundo, e esperança comprometida na batalha do mundo. (Cf. *Prática sobre a Oração*, V, segunda definição)

Ter consciência (dar-se conta): eis o que humaniza muitas coisas que, de outra maneira, seriam desumanas... Pelo batismo recebemos a vida cristã. Porém, a faculdade pela qual temos consciência de que Jesus vive em nós, é proporcionada à faculdade de realizar o nosso batismo. Essencialmente, a oração é o exercício da fé; mas a fé é diálogo; não consiste em ruminar o que se crê; consiste em falar com, a respeito de, ou partindo de. Ela pede aquilo que ama e que, no entanto, não está na fé. A oração cristã é diálogo na fé, diálogo na esperança”.

Basílio entende a oração como conscientização, como humanização, que vem a nós como dom de Deus. Esse processo é iniciado já com a graça do batismo, e se completa pela tomada de consciência da vida de Cristo em nós (“*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*”. Gal 2,10).

3) É uma epifania² antropomórfica de Deus, manifestação misericordiosa pela qual Deus assume a humanidade e entra em oração

“O homem procura tornar-se Cristo em oração. E ainda que isto não seja frequente e pareça exagerado, é, contudo, realidade”.

“Em Jesus Cristo, Deus se humanizou a sério... Deus se fez homem, assumiu a linguagem dos homens, exprimiu-se como homem e falou ao Pai como homem; em suma, é Deus que fala a Deus, partindo do homem, e é por isso que a oração é a humanização de Deus”.

“A vida cristã é, essencialmente, mistério de amor, e o amor tem duas expressões, ambas necessárias: dizer e fazer; exprimir o que se sente e fazer o que se sente, pois há a dimensão de agir e a dimensão de viver”.

Imediatamente ele explica: “O homem tende a tornar-se o Cristo em oração. E, mesmo se isso é raro e possa parecer exagero, é, assim mesmo, real”. Ele enxerta nessa reflexão o caso da criança no seio da mãe. É uma vida que se desenvolve pela vida da mãe. Do mesmo modo, Basílio nos vê no Cristo; nossa comunhão com Deus é partilha da comunhão que o Filho tem com o Pai. Ele diz: “Quando um homem reza e sua vida é verdadeiramente cristã, é o Cristo, primogênito do seio de Maria, que reza nele; sua oração não é senão a vida de Cristo que se exprime em palavras...”. Nossa oração é assumida pelo Cristo e dirigida ao Pai por ele. É importante saber que,

² Manifestação de Deus na pessoa do seu Filho.

quando rezo, não estou só, é o Cristo que reza em mim e comigo. É por isso que essa oração será necessariamente escutada pelo Pai. Pelo menos Basílio está consciente e convencido disso, e é assim que ele reza, como uma voz e um coração à disposição do Senhor. Toda verdadeira oração é assumida pelo Cristo e é também participação da oração de Cristo.

4) É expressão do coração de três pessoas, na encruzilhada de vários dinamismos e vários planos existenciais

“A prece é manifestação do coração. Não fala com a cabeça, fala com o coração. A prece é manifestação do coração a Deus, de três pessoas. Quais pessoas? Eu, a comunidade e a Igreja”.

Ele reconhece que essa definição é abstrata. Então ele a retoma em detalhes:

E, em primeiro lugar, a oração é expressão. O cristianismo não é uma mentalidade, um sistema de pensamento; ele não é, primeiramente, uma moral nem um culto; é uma vida interpessoal em unidade: ... Jesus, eu e o Pai. Eu e Jesus somos dois, mas somos também um, porque Jesus e eu somos Igreja. O cristianismo é, antes de tudo, uma vida e uma companhia, uma vida de pessoas com pessoas e, portanto, uma vida em que se fala, não uma vida de solidão e de silêncio”.

Mas o eu pode ser que esteja só, seja membro da Igreja ou membro de uma comunidade. Há vezes em que ele

reza a partir daquilo que é importante no fundo de seu coração, mas quando reza como membro da Igreja ou da comunidade, estas devem estar presentes com a densidade de sua vida. Basílio diz:

“É preciso estar atento em colocar na oração o que é a verdade da vida ou a verdade do desejo... Se o mundo impressiona nossa retina de maneira evangélica, ele encontrará justo lugar. Se não, teremos orações de dissociação”.

A oração carrega “o projeto de um mundo para passar do inumano ao humano... No coração de todo apóstolo deve existir a angústia da História da Salvação”. Mais claramente Basílio dirá: “A oração é uma expressão do coração. Ela não fala com a boca, mas com o coração... Ela é uma expressão do coração a Deus, de três pessoas... eu, a comunidade e a Igreja. Ora uma, ora outra. Ela fala a Deus na encruzilhada de diversos dinamismos”.

Entretanto, para Basílio, o Cristo permanece essencialmente presente em todas essas orações: “A vida cristã é, em sua raiz, uma vida na Vida, porque somos filhos no Filho, porque o Filho, primogênito de Deus, é também o Filho único de Deus. Deus tem só Jesus como Filho; ou somos filhos nEle, ou não somos filhos em ninguém...”. Reencontramos aqui uma das ideias fortes de Basílio: a união profunda existente entre Cristo e o cristão é como que uma fusão de duas pessoas, sem que nenhuma desapareça, mas ambas adquiram sua maior plenitude possível.

O pensamento de Basílio sobre o cristianismo, pode ser visto na Tradição da Igreja por meio da primeira afirmação da Encíclica do Papa Bento XVI, *Deus Caritas est*: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo”. O cristianismo é, portanto, um encontro com Cristo tendo como pano de fundo um horizonte de sentido, que nos permite viver acreditando em Deus e em sua proximidade entre nós.

O que é preciso fazer para rezar?

Partindo da Circular *Carta sobre a Oração*, de 1981, Basílio elenca algumas questões práticas:

1) Assegurar tempo regular e suficiente de oração cotidiana³

“Uma fidelidade estável evita que a vida de oração seja submetida ao humor, à sensibilidade, ao capricho, que são os sinais de uma vida religiosa rudimentar. São Francisco de Sales não hesitava em enunciar como lei essencial da vida espiritual: “Nada reduzir de sua exatidão por causa de todos os outros deveres, mesmo no meio das privações e securas, desgostos e sacrifícios pelos quais Deus é servido fazer-nos passar”.

Um único ato feito com aridez de espírito vale mais do que muitos outros feitos com ternura, porque aquele é feito

³ Texto retirado: CARTA A ORAÇÃO. Edição 2015 – Grupo Marista.

com amor mais forte, embora seja menos sensível e agradável. Não há homem de verdadeira oração se não for capaz de sustentar a regularidade na aridez” (Carta a Oração).

2) Comunicar-nos a vida de Cristo

“Acabamos de falar de oração para a vida. Jesus veio para transmitir-nos essa vida em abundância e São Paulo nos propõe atingir o estado adulto, a plena estatura de Cristo: ‘[...] até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo’ (Ef 4,13). Esta oração abundante e dinâmica não deve ser interpretada como uma série de atos isolados, sim como uma marcha ao Pai (Carta a Oração).”

3) Ser verdadeiramente cristã

“Ter a vida; tê-la em abundância”, isto se alcança pela oração com a condição de que seja cristã, isto é, feita em espírito e verdade. Em primeiro lugar quero apresentar aqui um ponto importante para nosso tempo. “Nós não sabemos como orar, mas o Espírito ora por nós; ninguém pode dizer Jesus que não seja pelo Espírito” (Rm 8,26-27).

É importante orar. Mais importante é fazer uma oração que provenha da fé e seja fruto da vida de Deus em nós. Quando a gente se deixa levar demais pela sensibilidade, atendendo ao gosto e ao desgosto na oração, corre-se o risco de alimentar inclinações subjetivas em vez de obedecer à fé e ao Espírito Santo. Ao invés, uma fidelidade cheia de docilidade e de fé, que está em busca do Senhor e que aceita tão bem sua ausência como sua pre-

sença, é uma garantia de que se está a progredir no caminho da oração cristã e não numa oração puramente humana” (Carta a Oração).

4) Ser o centro de unificação e harmonização da vida marista

“Isto significa que não é questão de viver qualquer GRAÇA-de-ORAÇÃO, mas a graça da oração tipicamente marista, isto é, conforme à nossa espiritualidade marista. Aquela espiritualidade que formou esses **homens de oração**⁴ que muito bem temos conhecido em cada uma de nossas Províncias; aquela espiritualidade que nos dá o jeito marista, a fisionomia marista tão bem reconhecida por aqueles que viveram conosco, graças à abertura à Igreja, às necessidades do mundo dos jovens, na simples prestação de um serviço evangélico como Maria, no seio de uma comunidade unida por verdadeiro espírito evangélico, digo, verdadeiro espírito de família” (Carta a Oração).

Como fazer a oração?

Basílio nos recorda situações concretas que podem direcionar à prática da Oração. Mais do que técnicas, existe um movimento de redirecionamento da nossa vontade à vontade de Deus.

⁴ Na obra “Nossos Primeiros Irmãos. Companheiros maravilhosos de Marcelino”, do Ir. Alain Delorme, temos o relato das biografias dos primeiros Irmãos do Instituto. Nelas aparecem, como uma verdadeira graça de Deus, as almas simples e generosas, com grande vocação à santidade, de vários dos primeiros Irmãos Maristas.

1) Converter-nos a nós mesmos

“Converter-nos, nós mesmos, à oração. É preciso ser honesto e não estar convidando os outros a fazer aquilo que nós deixamos de fazer”. A verdadeira oração é existencial. Envolve o ser daquele que verdadeiramente se entrega a Deus.

2) Criar condições

“Criar condições pessoais e comunitárias que ajudem a desenvolver a oração”.

Este é o conselho do Ir. Basílio a todos nós: para que possamos rezar é necessário a criação de espaços em nível pessoal e comunitário. É preciso a participação comunitária nas celebrações litúrgicas que alimentam a nossa oração pessoal, mas também são necessários, igualmente, tempos a sós com o Senhor; momentos de intimidade e de confiança.

3) Despertar a sede de Deus

“Fazer o possível para despertar a sede de Deus, de ver seu rosto, de sentir sua vida, de gozar de sua intimidade. Cristo dizia à Samaritana: “Se você conhecesse o dom de Deus e quem é Aquele que lhe diz: ‘Dê-me de beber’, seria você que pediria e Ele lhe teria dado água viva” (Jo 4, 10). Será preciso fornecer livros capazes de despertar essa sede; capazes de apaixonar por esta maravilhosa aventura da experiência de Deus”.

4) Colocar o acento na gratidão

“Deus dá gratuitamente, não por causa dos nossos

méritos, mas por causa do seu amor. Ele dá a quem quer, como quer, quando quer, mas dá, sobretudo, àqueles que, como a cananeia, sabem fazer violência a seu coração com toda a espécie de audácias. Recordo-me da palavra de São João Clímaco: “Deus dá o dom da oração a quem reza”. Com efeito, se o dom é gratuito, supõe o desejo e a espera do homem que se traduz pelos atos. A prece-oração é, ao mesmo tempo, dom e arte”.

5) Aceitar o dia do Senhor

“Existe uma lei marista que predestina, cedo ou tarde, todos os Maristas de Champagnat a uma intimidade maior com o Senhor: ‘...direi que há uma espécie de lei marista que predestina; quase todos os Irmãos, cedo ou tarde, chegam a este amadurecimento e a esta intimidade com Deus. [...]’”.



*Seleção de
textos do
Irmão Basílio*

SELEÇÃO DE TEXTOS DO IR. BASÍLIO

1) A ORAÇÃO É ESSENCIALMENTE UM DOM

A oração é ao mesmo tempo dom, exercício e fruto. Como dom, não se pode acreditar que se vá substituir a Deus. Portanto, há um abismo entre ioga e oração. A oração cristã é amar: a ioga pode muito bem favorecer a concentração e o equilíbrio interior (elementos muito úteis para a oração), mas não pode assegurar nem o amor nem a conversão. Ora, esse dom de Deus que é a oração tem por entrada a conversão e por desenvolvimento o amor. Esse dom provém do Espírito Santo e nenhum exercício humano pode comunicá-lo. Sim, não se deve jamais esquecer que a religião cristã não é um produto fabricado pelo homem; é Deus que se comunica ao homem. O homem não é um Prometeu que rouba o fogo do céu; é uma criatura que recebe, em Jesus Cristo, o ósculo de amor do Pai e a redenção pelo amor. E a oração, espécie de sopro vital da redenção, é essencialmente uma dádiva no sentido mais profundo da palavra, é preciso pedi-la a Deus...

Eu dizia que a oração cristã é completamente diferente da ioga. Esta não ultrapassa o nível de um exercício mental. Aquela exige que a gente se ponha diante da luz de Deus, para ver, no julgamento amoroso de Deus, meu eu e o eu do mundo, junto com toda a minha conduta. E é o que explica por que a oração é tão pesada para muitos homens. Não é um exercício tão simples. Não se trata de brincar de toureiro, mas de ser toureiro. Trata-se de viver a verdade de Deus na própria vida. Portanto, oração cristã equivale à oração filial, atitude de filho que descansa nos braços do pai...

A oração cristã deve encher o coração dos sentimentos de Deus para com os homens. Compaixão pela tolice humana, perdão pelas repetidas quedas, benevolência até para com os inimigos, a melhor atitude para com todos. É tudo isso que deve encher o coração que reza e que educa, desde então, não apenas suas relações com Deus, mas suas relações para com os homens.

(Circular *Prática sobre a Oração*)

2) CHEGAR A UMA VERDADEIRA ORAÇÃO

Prezados Irmãos, apoiando-me no apelo do Fundador, pretendi não somente lembrar sua vida, algumas de suas palavras e conselhos que provavelmente nos daria, se ele estivesse no meio de nós neste momento, mas ainda desenvolver a dialética da oração, desde sua exigência mais subjetiva e mais pessoal até a plenitude dum a oração eclesial e cósmica. Se me detive tanto, é porque estou convencido de que o abandono que está se generalizando em certos lugares não é menor do que as ideias loucas que em outros lugares estão sendo semeadas em torno da oração, acompanhadas muitas vezes de atitudes que não são manifestação de fraqueza ou de cansaço, mas são posições explícita e formalmente tomadas em que se descobre de tudo, salvo o Evangelho e a santidade.

Permitam-me, modestamente, dizer que, entre o Magistério da Igreja e os teólogos, coloco-me do lado do Magistério, e que entre os conselhos dos teólogos e os dos santos, prefiro estes últimos. Talvez seja eu simplista e ingênuo... digne-se o Senhor conservar-me essa ingenuidade! ...

Devemos recordar-nos que, longe de encorajar o abandono da oração, o Concílio nos convida, pelo contrário, a aplicar-nos a ela da melhor forma possível; e se, até o presente, a nossa oração não foi isenta de certo formalismo, deve ser, daqui por diante, muito mais autêntica e mais pessoal.

Não creio que se trate de mais ou menos tempo para rezar, mas de chegar a uma oração verdadeira, digna e adaptada, persuadindo-nos enfim que, sem uma aplicação séria à oração, é impossível ser bons religiosos, perseverar na vocação e fazer o bem. Enfim, é preciso que, enquanto cresce o Reino em nosso coração, saibamos viver e suportar com paciência as provações da oração, esperando o eterno colóquio com Deus, nosso Pai. (Circ. *Os Apelos da Igreja*, pp. 616-618.)

2) A ORAÇÃO SEM COERÊNCIA É EVASÃO

É tão insuficiente perguntar-se: “De que serve a oração para a ação?”, quanto refugiar-se na oração para fugir da ação. A oração não é um “Eu sou para tal coisa”; ela é um “Eu sou”, mas um “eu sou” com todas as exigências de seu ser. Mesmo no pedido, não posso limitar-me ao pedido. “Senhor, dai pão aos que não o têm”, deve obrigar-me à coerência: “Que faço eu para dar pão àqueles que não o têm?”.

Nosso coração cristão só funciona bem quando há sístole e diástole. Sem o duplo movimento: oração e vida, nossa oração é evasão. Na ordem individual sempre o temos reconhecido. Sei muito bem que, se eu digo: “Senhor, tornai-me puro”, e nada faço para ser puro, eu minto. Mas o que é evidente no terreno individual não

o é no terreno social, político ou institucional. Bizarro, não é?

Portanto, antes de falar da utilidade da oração, é preciso falar de sua natureza transcendental ou escatológica, que é sua primeira dimensão. No fim dos tempos, a oração mudará de forma: não mais haverá pedido e, no entanto, a Escatologia será oração. Um exemplo. Por ocasião de um retiro em Ávila, alguns Irmãos cheios de zelo, após o retiro, foram ver um homem corajoso, um incurável, João, em sua casa. E entre outras coisas lhe perguntaram: “O que será para você a vida eterna?”. Sua resposta foi: “Continuar a fazer o que faço: contemplar”.

Estão vendo; isso muda tudo, e é preciso reconhecer bem que essa visão pura, profunda, perfeita da oração, muitas vezes não é compreendida. E, no entanto, fundamentalmente, o futuro começa no presente pela experiência interior, sob as formas da fé, na medida em que o coração se abre para abraçar a humanidade e unir os corações num só. (Circular *Prática sobre a Oração*)

3) ÚTIL POR SI MESMA

Insisto nesta ideia: A oração é em si o começo, o balbuciar dum diálogo que depois encontrará todo o seu esplendor. Ela é a essência e a antecipação da transcendência. Portanto, em vez de perder nosso tempo a perguntar-nos se ela é útil ou inútil, se o culto deve consistir ou não consistir numa oração, etc., creio que, antes de tudo, podemos reter a definição acima e que ela vale também para cristãos não consagrados.... Não é de muito tempo a real preocupação de evangelizar os diversos

aspectos da vida: vida conjugal, dimensão social, etc. Há mais tempo, houve quem se ocupasse da oração e do culto. Mas a subida dos outros valores cristãos: amor, trabalho, engajamento político e social, etc., ia produzir um choque dialético, e a grande pergunta seria: “De que maneira a oração tem valor, sentido, utilidade para uma ação no tempo e no mundo? ”. Depois de muitos balbucios acerca de sua utilidade, chegava-se ao ponto central: ela vale por si mesma...

Para compreender é preciso, em primeiro lugar, perguntar-se: “O que é um cristão? ” Não aquele que “prática”, mas aquele em quem a vida de Jesus se transfunde e é vivida por Jesus, pelo Espírito de Jesus. Ora, se ele vive com o Espírito de Jesus, é na medida em que o batismo se eleva nele como maré enchente, invade o coração, a cabeça, os critérios de seu julgamento, sua consciência. Acabo de nomear aqui os diversos elementos subjetivos da vida, do agir e dos compromissos. Mas limitando-nos à esfera puramente psicológica, podemos dizer que lá onde o batismo se eleva, a necessidade da oração se faz sentir. E se não sentimos a necessidade da oração, é preciso perguntar-nos por que, pois não é normal, num cristão que atingiu certo nível, que a oração não se tenha tornado uma necessidade (Circular *Prática sobre a Oração*).

3) O IMENSO PODER EVANGELIZADOR DA ORAÇÃO

O homem tem necessidade de dizer o que sente, e todo homem que possui experiências profundas e não pode comunicá-las sofre verdadeira mutilação, porque se vê

obrigado a viver em solidão e a sepultar as coisas mais densas e mais belas de sua vida.

A vida batismal também tem necessidade de oração, porque a oração é o meio mais poderoso de evangelizar o coração humano ainda não evangelizado: à força de dizer as coisas com o coração, acaba-se por senti-las com o coração e a viver com o coração o que se aprendeu.

É preciso, portanto, prestar atenção ao imenso poder evangelizador da oração. Por falta dessa atenção, muitos religiosos, hoje, se esvaziam do Evangelho e se enchem de uma Antropologia não evangélica.

4) MINHA VIDA, UM MISTÉRIO DE AMOR

Fundamentalmente a vida cristã é um mistério de amor, e o amor tem duas expressões, ambas necessárias: dizer e fazer; exprimir o que se sente e fazer o que se sente, pois existe a dimensão do agir e a dimensão do viver. Portanto, toda polarização em refugiar-se, seja na ação, para se dispensar da oração, seja na oração para se dispensar da ação e do comprometimento, é má tradução do cristianismo e prova muito clara de que o Espírito e a vida de Jesus pouco “penetram” em nós... Que significa essa reflexão? Que não pode haver a menor palavra cristã sem uma ação cristã. São duas exigências profundas de um mesmo amor... Ao entrar no campo da consciência, o mistério cristão entra como fé, como amor, como esperança, e tudo isso vivido no Cristo. Existe aí outra dimensão da oração, e chegamos então à pergunta: Pode a vida cristã existir sem a oração? Resposta: Não. Ausência de oração = ausência de vida cristã; e oração fraca = vida cristã fraca. (Circular *Prática sobre a Oração*)

5) A AÇÃO NÃO SUBSTITUI A ORAÇÃO

Aqueles que dizem que a oração não tem sentido, que é uma perda de tempo, teorizam; não fizeram a experiência. Diz-se depressa que a ação é oração, mas isso revela um desconhecimento prático da oração. Tampouco quero perder tempo em discutir um argumento tão leviano. A quem mo propõe respondo-lhe: “Você não fez a experiência de uma verdadeira oração. Se soubesse o que é, não a confundiria com a ação, mesmo se ambas são emanações do amor”.

Com efeito, lançam-nos dessas frases que parecem brilhantes, mas na realidade só correspondem ao vazio, a um desequilíbrio integral. Quem as diz não pôs em ordem os diversos elementos de sua vida cristã; rompeu, por exemplo, a harmonia entre a dimensão de oração e a dimensão de vida, e, como muitas vezes no passado, é a dimensão moral que supera a dimensão espiritual, sendo novamente a vida cristã concebida como código de proibições e de ordens. Estas serão de natureza diferente, mais centrada sobre o social do que sobre o sexual, mas, no fundo, haverá sempre o mesmo desequilíbrio.

6) CRIAR NECESSIDADE DE RESPIRAÇÃO ESPIRITUAL

Quando a vida de fé e suas exigências de amor são contrariadas por um excesso de atividades, uma espécie de instinto cria a necessidade de respiração espiritual. É particularmente verdadeiro quando a atividade comporta elementos secularizantes, degradantes.

Meu mestre de noviços, que estivera na Grande Guerra, falava-me da vida nas trincheiras, onde os soldados

pisoteavam na água e na lama durante horas e horas. O nível espiritual da tropa não era necessariamente muito alto, e suas ações e palavras podiam ser pouco morais. Ele me dizia que então lia “A História de uma alma”, de Santa Teresinha, para poder viver em outra atmosfera e restituir à sua fé e ao seu amor o eã que essa vida terra-a-terra não lhe dava.

Hoje, na situação atual, se pensamos na influência secularizante, no conteúdo dos filmes, da imprensa e das outras mídias, no contato com colegas e alunos cujo senso moral e religioso é cada vez mais pluralista, eu penso que jamais foi tão indispensável um tempo de compensação apto a nos fazer respirar em nível de fé...

Penso que não terão nenhuma dificuldade em concordar comigo que não é a mesma coisa, que não é indiferente possuir Irmãos, comunidades, Províncias que vivem em nível mínimo de oração ou, pelo contrário, em nível suficiente, ou em nível elevado (*Circular Prática sobre a Oração*).

7) A ORAÇÃO, LINGUAGEM DA VIDA CRISTÃ

Irmãos, comecemos por isto: a oração é a linguagem da vida cristã. E da mesma forma que nós não nos esgotamos no falar, mas que a palavra e o diálogo são um aspecto de nosso ser, uma parte de nossa vida, da mesma forma a oração é um elemento de nossa vida cristã, e a vida cristã é simplesmente a vida de Deus comunicada em Jesus Cristo, o Verbo, na união hipostática. E nós, integrados vitalmente no Cristo pelo batismo, pela fé, pela graça, na Igreja, formamos a Igreja. Podemos dizer que, dentro de nós, está a vida de Deus; é o Verbo quem

vive em nós. A natureza humana de Jesus Cristo, unida numa só pessoa com o Verbo de Deus, é quem nos faz viver a vida do Cristo.

Você não é um cadáver; é uma pessoa viva, com vida diferente daquela puramente natural. Pois bem, essa vida age, pensa em você, no seu viver cristão. O fato de Cristo viver nossa vida é uma realidade da qual temos consciência, da qual nos damos conta...

Em sentido estrito, a oração é falar com Deus, graças à fé, no amor e com amor. Quem fala a Deus fora da fé, não reza. Quem fala a Deus fora do amor, não reza. Tampouco reza quem não ama. Rezar é conversar com Deus no universo da fé e pela força do amor. Eis o que é rezar...

Em sentido mais lato, rezar é refletir sobre o mundo, sobre o que faço, sobre o que vou fazer, partindo do Evangelho...

Não é seguro que a religião seja unicamente oração. Entre os elementos da religião, a oração é um deles, mas ele é essencial e indispensável. Assim como não há vida numa pessoa humana sem consciência e sem diálogo, assim não há nenhuma vida cristã sem oração. Tenham certeza disso.

Quem vê esse diálogo bloqueado em sua vida deve convencer-se de que pode saber muitas coisas de Teologia, Psicologia, Filosofia, mas que sua vida na fé não vai bem... Quem não sente a necessidade de dialogar com Deus e, mais ainda, quem não se sente à vontade quando deve falar com Deus, demonstra que algo não está bem, e que sua vida cristã é muito fraca e, de certo modo, está bloqueada.

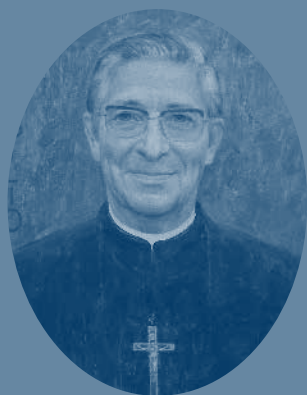
8) A ORAÇÃO É VIDA, NÃO CONHECIMENTO

Indo mais a fundo na ordem da fé, é indiscutível ser preciso pagar o preço: o preço de crer em Jesus Cristo morto e ressuscitado. E bendito seja esse tributo, fonte de alegria. E nisso está seu mérito: o ato de você esperar na insegurança e contra toda a esperança. Quando você anuncia Jesus Cristo ressuscitado, se compromete com Ele, de modo que, ante qualquer dilema entre Jesus Cristo e outra coisa, você se deixa esfolar antes de renunciar a Jesus Cristo. E que você perca tudo, inclusive a mãe, mas não Jesus Cristo. Podem dizer-lhe: “Mas você não percebe que Jesus Cristo é como as feiticeiras?” E você percebe que, como hipótese, isso poderia ser. E apesar disso, você aposta, não com palavras nem conceitos, mas com a vida. E tendo apenas uma vida, você a joga por Jesus Cristo. Isso é verdadeiramente um testemunho...

Num clima de oração, você ouve uma palavra que ilumina sua vida com a luz do Evangelho, de maneira contrária à natureza, que toca lá onde machuca. Então pode ter a certeza que isso não vem do homem. E quando assim as Bem-aventuranças cantam em seu coração, dizendo-lhe o contrário da lógica das coisas, e quando você é chamado a se doar até a morte, na fé, a viver o Evangelho em plenitude, então é a voz de Deus. A condição é que sua vida seja banhada pelo Evangelho. Quando em sua vida acontecer isso, não se perca em rodeios, é Deus que lhe fala.



*Orar com
o Ir. Basílio
Rueda*



ORAR COM O IRMÃO BASÍLIO RUEDA

1) DEUS

“... o Pai de vocês que está nos céus dará coisas boas àqueles que lhe pedirem” (Mt 7,11).

Motivação Inicial

“As mãos de Deus são sempre mãos de Pai. Ponho tudo isso nas mãos de Jesus Cristo, nas mãos do Pai, e sinto-me em paz profunda, na ação de graças e totalmente ao louvor. Sei que não há mãos melhores que as de Deus e é nelas que me entreguei” (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos 8

Ó Senhor, nosso Deus, como é grande vosso nome por todo o universo!

Contemplando estes céus que plasmastes e formastes com dedos de artistas;

Vendo a lua e estrelas brilhantes, perguntamos: Senhor, que é o homem,

Para dele assim vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?

Pouco abaixo de Deus o fizestes, coroando-o de glória e esplendor;

Vós lhe destes poder sobre tudo, vossas obras aos pés lhe pusestes:

Reflexão

As mãos de Deus são um sinal visível de proteção e carinho de um Pai que se faz presente na vida de Basílio. A seu exemplo todos nós Maristas de Champagnat somos chamados a experimentar essa graça que é a entrega da nossa liberdade e da nossa confiança nessas mãos sagradas que nos sustentam. Em um momento de silêncio e interiorização façamos a experiência de nos colocarmos nas mãos do Senhor. Mãos que embalaram a mística de Basílio.

Oração

Deus nosso Pai, nos apresentamos diante da vossa presença, e vos agradecemos vosso amor gratuito para conosco. Acolhei-nos em vossas mãos amorosas, para que possamos sentir a vossa proteção e o vosso amor. Amém.

Para aprofundar

“Deus é amor, amor gratuito, que não é provocado, nem condicionado, nem produzido... Deus é amor gratuito. Ele não te ama porque tu o amas. Ele não te ama porque tu és digno de ser amado. Ele não te ama por teres criado em tua vida as condições que te fazem digno desse amor. Deus te ama porque Ele é amor. Ponto-final! Quando João nos diz que Deus é Amor, diz-nos que Ele nos ama, que não faz outra coisa a não ser amar-nos e que Deus não pode senão amar-nos. E essa é a verdade primeira, a verdade fundamental. Devemos insistir sobre o fato de que o amor de Deus é gratuito e eterno”. (Ir. Basílio Rueda)

2) JESUS

“Pois Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

Motivação Inicial:

“O cristianismo não é outra coisa do que o beijo histórico que o Pai dá à humanidade na pessoa de Jesus e que prolonga, depois, por seu Espírito” (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos (41)

A minha alma tem sede de Deus e deseja o Deus vivo.

Assim como a corça suspira pelas águas correntes,
Suspira igualmente minha alma por vós, ó meu Deus.
A minha alma tem sede de Deus e deseja o Deus vivo.
Quando terei a alegria de ver a face de Deus?
Enviai vossa luz, vossa verdade: elas serão o meu guia;
Que me levem ao vosso Monte santo até a vossa morada.

Reflexão:

Na visão de Basílio, Jesus Cristo é a meta para qual todo ser humano é chamado a ser em Deus. Ao mesmo tempo, Jesus é o que Deus quer ser em nós:

“Deus revelou-se a nós em plenitude exaustiva, total e definitiva, nesse Alguém que chamamos Jesus. Esse ‘Tu’ sem nome, absoluto e infinito, revelou-se-nos como um ‘Eu sou Javé-no-meio-de-vós’, fazendo história conosco. Esse Tu absoluto quis uma vida participada, uma coexistência; escolheu um povo, esteve tão perto dos homens que chegou um

momento histórico em que já não esteve perto como quem de fora convive com eles, senão que, de dentro da humanidade, convive com ela... Deus não está apenas conosco, mas é um de nós. Deus pronunciou um 'Eu' de humanidade; e esse apelo aos homens, a partir do exterior, foi então um apelo vindo de dentro. Jesus de Nazaré é a concretização daquilo que nós, homens, podemos chegar a ser para Deus e do que Deus poderá vir a ser para os homens. E é, pois, dessa maneira que a Palavra de Deus, o apelo de Deus, ressoou através de uma humanidade que é nossa, que é irmã nossa, que é, afinal, cada um de nós” (Basílio Rueda).

Basílio experimenta Jesus numa relação interpessoal. Jesus não é uma ideia, mas antes um “Tu” que se abre em comunicação permanente e profunda com cada um de nós.

Oração

Senhor, não podes mais contar com a humanidade física de Jesus. Mas, eis em mim, outra humanidade integral para teu Verbo, não somente um corpo, pés, mãos, cabeça, mas o livre arbítrio, a psicologia, o coração, que te peço inundar com teu Espírito, porque quero que teu Verbo possua outros homens nos quais ele possa viver, para continuar a tarefa que começou, e levar a seu cume tua história da salvação entre os homens. Amém. (Basílio Rueda)

Para aprofundar

“O cristianismo não é outra coisa do que o beijo histórico que o Pai dá à humanidade, na pessoa de Jesus e que prolonga, depois, por seu Espírito. O Pai é amor e, como diz

S. João, *‘amou-nos a tal ponto que nos enviou seu Filho como vítima de expiação por nossos pecados’* (1Jo 4, 10). *A essência, o âmago, o tudo do cristianismo, é o amor; um amor que brota um pouco no Antigo Testamento, mas que se manifesta em plenitude em Jesus Cristo. Esse amor do Pai pela humanidade vai culminar numa aliança total – a aliança em Jesus, aliança no Espírito Santo – para fazer-nos entrar no âmago do amor*” (Basílio Rueda).

3) ESPÍRITO SANTO

“O Espírito vem em socorro de nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir. É o próprio Espírito que intercede com insistência em nós...” (Rm 8, 26)

Motivação Inicial

“Uma ação do Espírito é que, dado por Deus no Cristo aos homens, Ele faz de nós filhos, segundo a imagem daquele que é o Filho único, e nós nos comportamos com Ele como irmãos... Não se trata apenas de saber-se chamados por um ‘Tu’ transcendente, mas, antes, de saber-se irmãos de Jesus, configurados com Ele pelo Espírito e, com sua força, de podermos gritar: Abba, Pai!” (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos (103)

Enviai o vosso Espírito, Senhor, e renovai a face da terra.

Bendize, ó minha alma ao Senhor! Ó meu Deus e meu Senhor, como sois grande! Quão numerosas, ó Senhor são vossas obras! Encheu-se a terra com as vossas criaturas.

Se tirais o seu respiro, elas perecem e voltam para o pó de onde vieram.

Enviais o vosso Espírito e renascem, e da terra toda a face renovais.

Reflexão

“Na oração o homem não está sozinho para um exercício de ginástica mental... Não é algo que nós criamos, mas algo que o Espírito cria em nós. Não é uma ação do homem, mas são os gemidos do Espírito que sopram em nós e que, sem sabermos de onde vêm nem para onde vão, nós recolhemos. Por isso, por Ele e nEle somente podemos atrever-nos a chamar a esse ‘Tu’ absoluto, que antes designávamos com a palavra inefável e única: Abba, Pai. Quer dizer, confraternizando com o único que é Filho, com Aquele que esgota a paternidade do Pai, com Jesus, configurados pelo Espírito de Jesus, podemos invocar e clamar: Abba, Pai, do íntimo do nosso coração...” (Basílio Rueda)

Nossa oração antes de ser uma procura de Deus é uma resposta a seu amor, enviado a nós na pessoa do Espírito Santo. Se podemos experimentar a ternura de Deus Pai, é somente tornando-nos filhos no Filho, pela ação do Espírito que habita em nós. Assim, com o Irmão Basílio, aprendemos que a nossa oração é um balbuciar “Abba” no colo de Deus – isso pode ser entendido como um *pai* amoroso a nos sustentar continuamente em suas mãos.

Oração

Ó Espírito Santo, dai-me um coração grande, aberto à vossa silenciosa e forte palavra inspiradora, fechado a todas as ambições mesquinhas, alheio a qualquer des-

prezível competição humana, compenetrado do sentido da santa Igreja! Um coração grande, desejoso de se tornar semelhante ao coração do Senhor Jesus!

Um coração grande e forte para amar a todos, para servir a todos, para sofrer por todos! Um coração grande e forte para superar todas as provações, todo tédio, todo cansaço, toda desilusão, toda ofensa!

Um coração grande e forte, constante até o sacrifício, quando for necessário!

Um coração cuja felicidade é palpitar com o coração de Cristo e cumprir humilde, fiel e virilmente, a vontade do Pai. Amém. (Beato Paulo VI)

Para aprofundar

“O Espírito nos é dado com uma dupla finalidade: em primeiro lugar, para nos tornar conformes à imagem do Filho, a fim de que este seja o ‘primogênito entre uma multidão de irmãos’ (Rm 8, 29); em segundo lugar, para tornar-se a nova lei (Gl 5, 18). Esse Espírito, vivendo em nós e para nós, fazendo as vezes da Nova Lei, é mesmo a fonte de nossa liberdade (2Cor 3, 17). E foi para tal liberdade que fomos chamados (Gl 5, 1). Compreendamos bem de que liberdade se fala aqui... O Espírito Santo é princípio de ação, mas não orienta para uma ação qualquer. Essencialmente, ele nos arranca ao egoísmo; sua novidade consiste, pois, numa disponibilidade para servir - verdadeiro segredo da liberdade cristã” (Basílio Rueda).

4) MARIA

“Eis que, de agora em diante, todas as gerações me considerarão feliz, pois o Todo Poderoso fez grandes coisas por mim.” (Lc 1,4)

Motivação Inicial

“Na meditação constante do Evangelho é que devemos achar o melhor retrato possível da Santíssima Virgem. Sem sombra de dúvida, é um retrato pintado pelo próprio Espírito Santo. Retrato inesgotável: todas as gerações contemplaram-no com alegria e descobriram algum traço novo nessa sublime simplicidade. Pois a simplicidade é a característica fundamental de Maria. Nela tudo é simples, tudo é sublime: “é o semblante que mais se parece com o de Cristo – para dizê-lo nas palavras de Dante” (Basílio Rueda).

Rezar com o Magnificat (Lc 1, 46)

A minha alma se alegra no meu Deus.

A minha alma engrandece ao Senhor, e se alegrou o meu espírito em Deus, meu Salvador, pois ele viu a pequenez de sua serva, desde agora todas as gerações hão de chamar-me de bendita.

O Poderoso fez por mim maravilhas. E Santo é o seu nome! Seu amor, de geração em geração, chega a todos os que o respeitam.

Reflexão

“De que modo os evangelistas divisaram a fisionomia psicoreligiosa de Maria? Antes de tudo, Maria é atenta à Palavra de Deus (a Virgem da escuta). Com amor sabe acolher a Palavra que tantas vezes transtorna seus projetos de vida,

punge-lhe o coração, mergulha sua alma na perturbação, na ansiedade, na incompreensão. Maria observa fielmente essa Palavra, encarnando-a em sua vida. É a serva de Javé, previamente de acordo com a vontade do seu Senhor.

Apesar de tudo, Maria é mulher de silêncio, recolhida, oculta, quase desconhecida, vivendo como tantas outras em sua cidadezinha da Galileia, ou entre o povo, em Jerusalém, ou ainda quase anônima, em meio aos discípulos de seu Filho... Toda a sua vida está concentrada na contemplação da Palavra e dos sinais de Deus, bem como no amor maternal a Jesus e à humanidade... Até o fim de seus dias prosseguirá, então, na peregrinação de fé” (Basílio Rueda).

Oração

Maria, nossa Boa Mãe,
leva-nos a Cristo.
Mulher de misericórdia,
ensina-nos a ser misericordiosos.
Mulher de fé,
ajuda-nos em nossa descrença.
Mulher de visão,
abre nossos olhos.

Consoladora dos aflitos,
dá-nos um coração compassivo.
Causa de nossa alegria,
enche-nos de vida.
Sinal de contradição,
ajuda-nos na incerteza.
Mulher de sabedoria e discernimento,
dá-nos a luz do conhecimento.

Recurso Habitual,
protege-nos e guia-nos.
Mulher impregnada de esperança,
sê nossa fonte de vida nova.
Primeira discípula,
mostra-nos o caminho.
Companheira de peregrinação,
fica ao nosso lado na caminhada da vida.
Acolhedora da vontade de Deus,
ajuda-nos a fazer o mesmo.
Amém.

Para aprofundar

“É muito atraente a sua personalidade humana. Calma e serena, dialoga com Deus e com os homens; questiona e responde oportunamente. Com abertura de espírito, ela sabe ler os sinais dos tempos, e não vacila em aceitar a mudança, a novidade, o inesperado. Dona dos próprios sentimentos, não se deixa empolgar por aquela notícia capaz de tornar louca de entusiasmo qualquer mocinha judia de seu tempo: a maternidade messiânica. Maria espera, reflete, pondera, faz objeção, pede mais luzes. Uma vez, porém, que se certifica da vontade de Deus, entrega-se confiante à missão proposta, crendo que Deus é o Senhor do impossível, e abandonando-se à ação do Espírito Santo. Quantos valores humanos no consentimento lúcido, livre e amoroso de Maria à Encarnação!” (Ir. Basílio Rueda).

5) CHAMPAGNAT

“Deus, porém, me separou, desde quando eu estava no ventre de minha mãe e me chamou para a sua graça”. (Gl 1,15)

Motivação Inicial

“O olhar de ontem e de hoje nos permitiram descobrir nele um Fundador excepcional... Sua força e seu peso se encontram exatamente na sua dimensão ‘doméstica’. Sim, é um homem que foi suscitado por Deus, conduzido por seu Espírito, para fundar, formar, desenvolver e consolidar uma família religiosa. Era essa a sua missão bem específica, e sua personalidade estava à altura dessa missão” (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos (127)

Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham nela os construtores.

Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham nela os construtores.

Se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigiam os guardas.

É inútil vocês levantarem de madrugada e retardarem o repouso, para comer o pão com fadigas, se aos seus amados ele o dá enquanto dormem.

Reflexão

Quem foi Champagnat? Um homem que soube escutar de maneira dinâmica e eficaz os apelos de seu entorno e de seu mundo. No coração aflito do Padre Champagnat ressoa a voz da ignorância religiosa com a série de bloqueios: inibições e frustrações pessoais e sociais que isso acarreta. A seus ouvi-

dos sobre o clamor de uma pedagogia deficiente, isto é, de maneiras desastrosas de abordar as crianças e os jovens, com as sequelas de lesões e insucessos educativos daí decorrentes. Marcelino escutou os gritos da marginalização rural. Soube olhar as necessidades e a elas se dedicar de corpo e alma para remediá-las. Marcelino soube multiplicar as respostas. Foi um eco escutado por aqueles que seriam seus discípulos, seus companheiros na Sociedade de Maria e na sociedade civil. Grande artista espiritual, soube sondar os corações e adivinhar, com ouvido apurado, o murmúrio de Deus na alma dos jovens para convertê-los em colaboradores de sua aventura apaixonante. Enfim, soube formar seus discípulos, e que discípulos! Se consideramos a matéria-prima de que se serviu, é preciso convir que os resultados não poderiam ser melhores. Desses jovens camponeses, quase analfabetos, fez em poucos anos e quase sem recursos, pedagogos intuitivos, educadores respeitadas nas aldeias. (Basílio Rueda)

Oração

São Marcelino Champagnat, durante a tua vida caminhaste na presença de Deus, cheio de fé e profunda confiança na proteção de Maria; e foste misericordioso para com o próximo, cheio de amor e carinho pelos pobres e pequeninos, os prediletos de Deus. Por isso, com grande confiança nos dirigimos a ti. Consegue-nos do Senhor a graça de sermos teus filhos e filhas, fieis à tua herança e ao carisma que nos deste. Amém.

Para aprofundar

“Se Marcelino voltasse

Se o Fundador voltasse entre nós, modesto e simples que

era, não se sentiria embaraçado para nos dizer: “Vejam, hoje fizeram-se imensos progressos no domínio da Teologia, mas não esqueçam que o Cristianismo é muito mais do que uma ciência; é uma religião, é uma vida”. Ele nos repetiria, depois de São Paulo: «Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria, para anunciar-lhes o mistério de Deus. Entre vocês, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado» (1Cor 2,1-2). Champagnat nos recordaria que não empenhamos toda a nossa vida por tal teólogo, mesmo que fosse o melhor do mundo, mas somente por Cristo, que tem o poder de nos conservar fiéis à graça até o fim (cf. 1Cor 1,8) e que ele mesmo é a origem e o objetivo de nosso compromisso...

Dir-nos-ia que é inútil contrapor a ação à oração..., porque constituem lei geral da natureza, e da própria vida espiritual, essas constantes alternativas, sístole e diástole, sem as quais toda vida declina e desaparece. A atenção ao próximo também não pode justificar o abandono da oração com o desejo de maior serviço, porque a oração não é tempo perdido para nossos irmãos, mas tempo empregado melhor, dado que torna nossa ação mais fecunda e coloca o próximo na ação mesma de Deus. Diria aos que entre nós buscam uma comunidade viva sob o signo do amor, que, sem certa dose de oração, não há comunidade que não se desagregue” (Basílio Rueda).

6) ORAÇÃO: FUNDAMENTO DA VIDA CRISTÃ

“Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”
(Gl 2,20).

Motivação Inicial

“Quem conheceu a fascinação do amor de Deus sabe que não se pertence mais. A alma, com efeito, não pede, ela se doa, e desse dom nasce a grande intuição: a vida só vale a pena ser vivida se a gente ama incondicionalmente e se a gente está disposto a arriscar tudo numa só cartada. Põe-se, portanto, a vontade do Senhor bem acima do amor de si mesmo, e o desejo se reduz a uma disponibilidade absoluta” (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos (102)

Bendize ó minha alma, ao Senhor, pois ele é bondoso e compassivo

Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e todo o meu ser, seu Santo nome! Bendize, ó minha alma ao Senhor, não te esqueças de nenhum dos seus favores!

Quanto dista o nascente do poente, tanto afasta para longe nossos crimes. Como um pai se compadece de seus filhos, o Senhor tem compaixão dos que o temem.

Reflexão

“Irmãos, atentai para o fato de que o fundamento teológico de nossa justificação e de nossa vida cristã não é o esforço gigantesco que alguém pode fazer para tornar-se bom, santo, para amar a Deus, para responder a Deus. Tudo isso seria prometeico. Como no-lo diz o caso

de Santo Agostinho: quantas vezes ele tentou levantar-se para Deus, mas o peso de sua carne mostrou-lhe que todos os seus esforços eram inúteis; foi somente quando ele caiu de joelhos, diante da salvação misericordiosa do Senhor, que Agostinho foi elevado até Deus e chegou a realizar o que desejava. O fundamento de nossa fé não é o fato de sermos bons, mas porque Deus é bom; não é o fato de amarmos, mas porque somos amados por amor eficaz e infalível” (Basílio Rueda).

Oração

Senhor, faz-nos abertos à tua graça e misericórdia. Ajuda-nos assim como a teu servo Basílio, a reconhecer que todo amor e bondade vêm de ti e para ti retornam. Abre-nos o coração e as mãos para que tenhamos a disponibilidade que nasce da liberdade de quem se faz teu servidor. Amém.

Para aprofundar

“Quando o amor de Deus irrompe numa vida, ele desencadeia um tipo de amor que faz esquecer a medida razoável. O Tu de Deus e do próximo predomina em tudo. A morte prematura é o destino de um amor que se condensa no tempo. O amor quer doar-se, queimar sua vida.

Um dia descobri que Deus nos tornara tangível seu amor na pessoa de seu Filho, e que Jesus Cristo é o beijo de amor e de ternura que o Pai nos dá. (...) Naquele dia eu senti que Jesus vinha a mim de maneira bem particular para fazer-me experimentar a excelência do Evangelho. Pareceu-me maravilhoso tomar essa Carta Magna como eixo e código de minha própria existência e seguir Jesus, meu Irmão e meu

Salvador, que me pedia a colaboração e a amizade para viver e trabalhar com Ele na criação de um mundo conforme o Evangelho” (Basílio Rueda).

7) A PROFECIA QUE NASCE DO ENCONTRO COM DEUS NA ORAÇÃO

“Seduziste-me, Senhor, e deixei-me seduzir, foste mais forte do que eu e venceste”. (Jr 20,7).

Motivação Inicial

A profecia tem sua origem em Deus como fonte e se transmite ao homem quando este vive na sua intimidade. Essa relação se cria, sobretudo, na oração que desperta no homem a paixão pelo Reino. Na escuta atenta da palavra de Deus se trava um diálogo de intimidade que faz surgir o desejo veementemente de proclamar, pela vida, que Deus é a plenitude do amor e que vale a pena perder tudo para possuí-Lo (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos (71)

As nações de toda terra hão de adorar-vos, ó Senhor!

Dai ao Rei vossos poderes, Senhor Deus,
Vossa justiça ao descende da realza!
Com justiça ele governe o vosso povo,
Com equidade ele julgue vossos pobres.

Libertará o indigente que suplica,
E o pobre ao qual ninguém quer ajudar,
Terá pena do indigente e do infeliz,
E a vida dos humildes salvará.

Reflexão:

“O profeta sente queimar em seu coração a paixão pela glória de Deus e, uma vez que ele acolheu sua palavra, proclama-a por sua boca, por suas ações, por seu pensamento, por suas palavras, por seu contato com os outros, numa transparência que manifesta a autenticidade dos grandes ideais em favor do Reino, num heroico engajamento com todos. Uma vez que se engajou sua existência no terreno do amor, não há mais marcha à ré. A vela está acesa nas duas pontas. O tempo depende da intensidade com que é vivido, mas quando o amor irrompe no coração de uma vida, o tempo adquire a densidade eterna. O amor não nos foi dado para preencher vazios do coração, mas para lançar os homens a alturas inimagináveis de generosidade e doação de si mesmos” (Basílio Rueda).

Oração

Senhor, nosso sonho é que, maristas de Champagnat, sejamos reconhecidos como profetas, pois abandonamos nossas zonas de conforto e estamos em permanente atitude de saída, rumo às periferias de nosso mundo, impulsionados a proclamar e a construir o vosso Reino. Amém. (*Vozes do Fogo*)

Para aprofundar

“Eis agora alguns critérios que poderão ajudá-los a distinguir entre os verdadeiros e os falsos profetas.

1. O verdadeiro profeta é um homem que se compromete na sua profecia. Porque pode haver, acidentalmente, homens que dizem a verdade sem cumpri-la. Esses não são verdadeiros profetas.

2. *Um verdadeiro profeta é um homem que fica fiel à palavra de Deus.... Dialoga-se muito hoje. É muito bom. Mas não tenham nenhuma confiança em diálogo que não nasce da oração e que não é precedido pela oração. É pela oração que se pode entrar na óptica de Deus e dizer coisas em conformidade com a vontade de Deus.*

3. *A profecia se verifica pelos frutos que produz... “Reconhecem a árvore pelos frutos...”. Houve quem quisesse ligar a contestação a um movimento profético de nossa época. Será realmente possível assimilar a contestação da juventude à profecia? Não, nem toda contestação é profética, mas pode haver uma contestação profética. Gandhi, embora não sendo cristão, assinala três características de uma contestação positiva:*

- a) A oração: ele não acredita em contestador que não reza.*
- b) A construção. Se apenas se quer demolir sem construir, a contestação não é positiva.*
- c) O amor às pessoas contestadas. Digam-me se isso não é cristão?*
- d) Um verdadeiro profeta fica fiel à sua vocação. O verdadeiro profeta no Antigo Testamento criticava Israel, sofria da parte de Israel, mas não deixava Israel. Se isso era válido para o Antigo Testamento... vocês compreenderão como essa exigência se torna mais rígida e muito mais clara no Novo Testamento.... É preciso considerar profetas os que são capazes de afundar com o navio... E notem bem isto: um profeta sempre sofre. Ser profeta se paga pelo sofrimento” (Basílio Rueda).*

8) BASÍLIO E A FIDELIDADE A DEUS

“Que alegria quando ouvi que me disseram: Vamos à casa do Senhor!” (Sl 121)

Motivação Inicial:

“Compreendo que a fidelidade consiste essencialmente em permanecer na casa do Pai e no lugar onde a Igreja me colocou, apesar de tudo e apesar de meu pecado. A fidelidade é também procurar responder com todo o amor possível e com a veemência mais autêntica à solidariedade fraternal e à herança que o passado me legou” (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos (121)

Que alegria quando ouvi que me disseram: Vamos à casa do Senhor!

Que alegria quando ouvi que me disseram: Vamos à casa do Senhor!

E agora nossos passos se detêm, Jerusalém, em tuas portas.

Por amor a meus irmãos e meus amigos, peço: “A paz esteja em ti!

Pelo amor que tenho à casa do Senhor, eu te desejo todo bem!

Reflexão:

“Há ocasiões durante as quais fazem-se orações em que Deus se revela no coração. Isso é realmente possível: é uma prece de tal valor, de tal peso de misericórdia, de tal força, que se pode viver três ou cinco dias numa espécie de atmosfera permanente, e aí pode-se dizer que algo faz mal no coração,

que há como que um substrato subconsciente, que faz com que a gente se sinta apenas presente, e apenas se dê conta de estar fazendo alguma coisa. Está-se como que empacotado, mergulhado numa atmosfera, que é o eco, não ainda extinto, de um momento ou de um tempo extremamente privilegiado de uma prece que foi dom de Deus. Essas orações quase nunca são produtos do homem. Tal oração não é o homem que a produz. É um dom em que ele não intervém em nada. Essa oração causa tal peso de graça, tal peso de Evangelho, sentido como um calor e uma dor que deixam como uma atmosfera envolvente na qual vai se encontrar, durante três ou cinco dias, aquele que reza, e ele se dá conta de estar envolvido por algo” (Basílio Rueda).

Oração:

Senhor, a exemplo do vosso servo Basílio Rueda, vos pedimos a graça da fidelidade. Que sejamos fiéis ao vosso amor, que sejamos fiéis à busca apaixonada da tua presença, e que essa fidelidade seja concretizada no serviço e cuidado das crianças e jovens a nós confiados, Amém.

Para aprofundar:

“O devoto ingênuo acredita que a coisa principal na oração, o ponto sobre o qual é necessário, antes de tudo, estar atento, é que Deus ouve o que se pede. No entanto, no sentido eterno da verdade, as coisas são justamente o contrário. A verdadeira situação da oração não é quando Deus deve ouvir o que lhe pedimos, mas quando aquele que reza persevera na oração, até o momento em que é ele quem ouve e escuta o que Deus quer. Quem reza, visando a um resultado imediato, necessita de muitas

palavras, e é por isso que, no fundo, ele é tão exigente; quem reza de verdade é somente escuta”. (Sören Kierkegaard, citado por Basílio)

“Em sentido estrito, a oração é conversar com Deus, graças à fé, no amor e com amor. Aquele que fala com Deus fora do amor, não reza. Não reza também aquele que não ama. Rezar é falar com Deus no universo da fé e pela força do amor... Eis o que é rezar...”

“Fundamentalmente, a oração é o exercício da fé; mas a fé é diálogo; ela não consiste em ruminar aquilo que se crê, mas consiste em falar ‘com’, ‘a respeito de’, ou ‘a partir de’. Ela pede aquilo que ama.... Ela exprime o amor que já palpita no coração. Sim, fundamentalmente a oração é isso.... Na verdade, a oração cristã não se limita ao pedido. É um diálogo de fé e esperança. Uma fé que está em contato com o mundo, e uma esperança que está comprometida na batalha do mundo”

“A oração cristã é um diálogo na fé, um diálogo na esperança. É comparada com esta bela imagem da Igreja: a casta prostituta. Casta prostituta, com efeito, esta Igreja que leva o homem do pecado à santidade; que conserva o projeto elaborado no Evangelho, chocando-se sem cessar com a realidade cotidiana que sente a desproporção e quer, assim mesmo, nas dores do parto, a redenção que está prestes a chegar, mas apesar disso ainda não chegou. Ela torna-se esperança e é daí que haure a oração de pedido. Esta não é outra senão o grito de apelo à redenção, mas é, ao mesmo tempo, grito de ação de graças porque a redenção já veio” (Basílio Rueda).

9) BASÍLIO, O APAIXONADO PELA VONTADE DE DEUS

*“Eis que venho, Senhor, com prazer faço a vossa vontade”
(Sl 39).*

Motivação Inicial

“Deus se dá a nós como dom e como graça e aguarda nossa resposta. Nossa resposta é empregar a liberdade para abraçar sua vontade, que é nosso bem, nossa felicidade, nosso futuro” (Basílio Rueda).

Rezar com os Salmos (39)

Eis que venho, Senhor, com prazer faço a vossa vontade.

Esperando, esperei no Senhor, e inclinando-se, ouviu meu clamor.

Canto novo ele pôs em meus lábios, um poema em louvor ao Senhor.

E então eu vos disse: “Eis que venho!” Sobre mim está escrito no livro:

“Com prazer faço a vossa vontade, guardo em meu coração vossa lei!

Reflexão

“A vontade de Deus não se apresenta sempre de maneira clara. Uma das características da condição humana é exatamente necessitar de mediações para descobrir essa vontade. E não é mediador quem quer. Posso viver muito tempo com alguém e mesmo gostar bastante dele sem poder dizer, para tanto, qual é a vontade de Deus a seu respeito. Certas pessoas – e não é caso raro – quereriam ter uma espécie de certeza

matemática a respeito da vontade de Deus; quereriam construir uma série de silogismos para se persuadir que fazem a vontade de Deus, seguindo finalmente um capricho. Esse não é o caminho para chegar à vontade de Deus. O verdadeiro caminho é este: Deus, acima de nós, é amor que se dá a mim em forma de mistério, que se dá a mim como tarefa, que é primeiramente descoberta, depois paixão de amor, depois realização. Posso recusar-me a essa vontade de Deus, mas se a procurar, encontrá-la-ei com certeza... Deus se dá a nós como dom e como graça, e aguarda nossa resposta” (Basílio Rueda).

Oração

Senhor meu Deus, não sei para onde vou. Não vejo o caminho em frente, nem sei ao certo onde ele findará. Na verdade, nem me conheço e o facto de pensar que estou a seguir a Tua vontade não quer dizer que eu lhe seja fiel. Mas creio que o desejo de agradar-te agrada realmente. E espero manter esse desejo em tudo quanto fizer. Espero jamais fazer qualquer coisa alheia a esse desejo. Sei que, se agir assim, Tu me conduzirás pelo caminho certo, embora eu nada possa saber sobre ele. Por isso, sempre confiarei em Ti, mesmo que me sinta perdido ou às portas da morte, nada recearei, pois Tu estás sempre comigo e nunca me deixarás sozinho. Amém (Thomas Merton).

Para aprofundar:

A voz do Concílio: manifestação da vontade de Deus

“O Concílio Vaticano II não é senão um eco do Espírito de Jesus em nosso tempo. Convoca todas as instituições a se

examinarem diante do espelho do Evangelho. Faz-nos rezar para pedir a coragem dessa revisão. É preciso vigiar para que essa revisão não seja ocasião de cair no farisaísmo ou de atraí-lo ao Evangelho.

Votamos nossa vida à procura da vontade de Deus. Se hoje há uma manifestação da vontade de Deus para os homens, essa é o Concílio. Não há nenhuma outra forma mais clara de manifestação da vontade de Deus às pessoas de nosso tempo. É preciso reconhecer que o Vaticano II foi uma manifestação pentecostal do querer de Deus no hoje de Deus.

Se, portanto, alguém dentre nós está à procura da vontade de Deus, não pode, sem se tornar ridículo, ir buscar essa vontade de Deus nas pequenezas de sua própria criação, negligenciando o estudo dos documentos conciliares e deixando de conformar a eles seus pensamentos e sua conduta. Porque é preciso que nos lembremos bem de que a infidelidade ao Concílio equivale à infidelidade ao Senhor e ao seu Espírito” (Basílio Rueda).

10) BASÍLIO E A PALAVRA DE DEUS

A Palavra está muito perto de ti: está na tua boca e no teu coração, para que a ponhas em prática (Dt 30,14).

Motivação Inicial

“O contato diário com a Palavra de Deus permite que olhemos a nossa caminhada pessoal a partir da perspectiva da História da Salvação. Ela faz-nos superar a dimensão pessoal da vida para vê-la integrada numa di-

menção mais ampla, a do Povo de Deus” (Água da Rocha n. 80).

Rezar com os Salmos (118)

Minha alegria é fazer vossa vontade; eu não posso esquecer vossa palavra.

Como um jovem poderá ter vida pura? Observando, ó Senhor, vossa Palavra.

De todo coração eu vos procuro, não deixeis que eu abandone a vossa lei!

Conservei no coração vossas palavras, a fim de que eu não peque contra vós.

Ó Senhor, vós sois bendito para sempre; os vossos mandamentos ensinai-me!

Eu quero meditar as vossas ordens, eu quero contemplar vossos caminhos!

Minha alegria é fazer vossa vontade; eu não posso esquecer vossa palavra.

Reflexão

“No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro de um acontecimento com uma Pessoa, que dá um novo horizonte de sentido para a vida” (Bento XVI, Deus Caritas est).

“Escutar e viver a Palavra de Deus são como “dois aspectos ou dois momentos psicomistéricos” de uma só realidade, que eu denominaria “a invasão subjetivada” da Palavra de Deus em nossas vidas, e de sua presença, graças a nós, no mundo... Na realidade, a enorme diferença entre o verdadeiro santo e a

maioria de nós, que nos chamamos crentes, é a plenitude, a integralidade, a totalidade dessa acolhida de Deus, que se torna Palavra em nossa própria carne e em nossa própria vida. Em nós, na maioria das vezes, a Palavra é como uma semente em expectativa e ansiosa por germinar, mesmo se a amamos com emoção, se a meditamos, rezamos e partilhamos. Nos santos, ela se apresenta como belíssima floração, mais ainda, como a Palavra de Deus que, admiravelmente, frutificou e se tornou messe esplêndida” (Basílio Rueda).

Oração

Senhor revela-nos as Escrituras assim como te revelaste aos discípulos de Emaús. Faz arder em nossos corações o desejo diário pela tua Palavra. Que a exemplo do teu Servo Basílio e de São Marcelino Champagnat tenhamos nossas vidas alicerçadas na Presença que nasce do encontro com tua Palavra. Amém.

Para aprofundar

“Interiorizar a Palavra de Deus

Fundamentalmente trata-se de deixar que algo, que não é nosso, venha a nós, entre em nós, nos invada progressiva e totalmente, nos transforme e nos assimile a um grau tal que chegue a tornar-se, não apenas nova vida, mas a vida única e, se necessário, a vida para a qual estamos dispostos a entregar nossa primeira vida. Trata-se de uma escuta da palavra de Deus capaz de nos criar, de nos libertar, de nos construir, de nos salvar. É a única maneira bíblica de escutar a palavra de Deus. Devemos opô-la a todas as demais maneiras, inúteis e prejudiciais, de escutar a palavra de Deus, e da quais a própria Escritura nos fornece exemplos cheios de lições.

O próprio Deus nos falou... dirigiu-nos a Palavra para nos dizer algo que é importante: «Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos nossos pais pelos profetas; ultimamente nos falou por seu Filho...» (Hb 1,1).

- *Jesus é a voz e a Palavra de Deus. «Dei-lhes a tua Palavra». «Tua palavra é a verdade» (Jo 17, 14 e 17). «As palavras que digo a vocês, não as digo por mim mesmo». (Jo 14, 10. Cf. também Jo 3, 34 e 8,28 e 12,50).*
- *Jesus mesmo é a luz e a Palavra em si mesmo e para o mundo. «Este é o meu Filho bem-amado. Escutem o que ele diz! » (Mc 9,7). «No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a palavra era Deus». (Jo 1,1) “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,4). «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andar­á nas trevas, mas possuirá a luz da vida» (Jo 8, 12).*
- *Ele é Palavra e Luz, especialmente para nós. «Você o está vendo; é aquele que está falando com você» (Jo 9, 37). «Foi a nós que esta palavra de salvação foi enviada». (At 13, 26) «Lembrem-se de como ele falou a vocês» (Lc 24, 6). Nesse caso, há um imperativo que se deduz: prestar ouvido à sua voz: «Escutem a minha voz e eu serei o seu Deus». (Jr 7, 23)*
- *Essa Palavra é fonte de Vida, de edificação e de dignidade, de felicidade. «Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4 e Dt 8, 3) (Basílio Rueda).*



*Anexo:
Sobre a
oração
interior*

Irmão Ivo Antonio Strobino

SOBRE A ORAÇÃO INTERIOR

Ir. Ivo Antônio Strobino¹

Neste pequeno artigo, em linguagem coloquial e simples, procuro narrar algumas das minhas intuições pessoais a respeito da oração interior que, por vezes, também é chamada de oração centrante. Trata-se de narração singela, carente quicá de uma melhor fundamentação teológica. Entretanto, é o meu modo de refletir sobre o “exercício da presença de Deus”, uma das características da espiritualidade de Marcelino Champagnat. Eu apresento essas reflexões aos participantes do curso “*Projeto Violetas*”, quando procuro atualizar para os nossos dias aquela característica marcante da espiritualidade do Fundador que, no contexto do referido curso, é apresentada como um dos perfumes da violeta marista.

Minha indagação inicial

Na carta dirigida aos cristãos de Roma, o Apóstolo Paulo faz uma afirmação séria: “Somos fracos e não sabemos como rezar”! (cf. Rm 8, 26). Trata-se de constatação que se refere a um tema essencial do existir humano: o relacionamento com Deus, Pai e Criador, de quem recebemos o dom da Vida. Não saber rezar bem é lacuna no desenvolvimento humano, lacuna que impede chegar à maturidade, à vida em plenitude. É como se Paulo nos dissesse que somos como criancinhas, que não sabemos falar direito, que balbuciamos apenas.

¹Especialista em Catequese e Vida Religiosa pelo Instituto Lumen Vitae, de Bruxelas (Bélgica).

Então me vem a pergunta: Como rezar bem? Quais os melhores métodos? É bom rezar com fórmulas e Salmos já elaborados? Devo me contentar com meditação reflexiva, que apenas produz satisfação intelectual? Convém rezar com os sentidos, deixando-me entusiasmar pelas emoções provocadas por cantos, danças, embalos de músicas sacras? As orações em conjunto são suficientes? Devo dar importância à oração pessoal, livre, espontânea?

Essas são algumas maneiras habituais de rezar; tentativas de relacionamento com Deus, balbucios apenas, segundo São Paulo. É evidente que, imaginação, sentimentos, inteligência, reflexão, não são inúteis na oração, uma vez que são faculdades que não podemos alijar completamente de nós mesmos. Penso que, até certo ponto, elas podem e devem ajudar na oração. Mas ajudam a rezar bem? E, nesse caso, como obedecer à orientação de Paulo que aconselha a “rezar sempre, sem cessar”? (cf. 1Ts 5, 17).

Uma fonte sempre a jorrar

Ao retomar a citação paulina do início, vejo que há um complemento na sua afirmação, um dizer que me chama a atenção, que me faz refletir. Parece ser resposta à indagação de “como rezar bem e rezar sempre”. Juntamente com a constatação de que somos fracos e de que não sabemos rezar, Paulo escreve: “Mas o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza e reza “Abba, Pai” constantemente em nós, clamando e suspirando com gemidos inefáveis” (cf. Rm 8, 15 e 8, 26; também Gl 4,6).

“O Espírito reza constantemente em nós”. Tenho

então, dentro de mim, uma oração que se faz constantemente, mesmo que eu esteja inconsciente de que ela exista. É a oração do Espírito Santo, que se relaciona constantemente com o Pai. É um tipo de oração indescritível, que não se pode caracterizar, pois são suspiros e gemidos inenarráveis.

Posso dizer, portanto, que o dom da oração me foi dado há muito tempo: desde o meu batismo! Entretanto, raras vezes me dou conta dessa realidade. Levo sempre comigo certo “estado-de-oração” do qual não estou suficientemente consciente. Por isso São Paulo me adverte: “Você esquece, por acaso, que é templo do Espírito Santo, desse Espírito que está em você e que lhe foi dado por Deus?” (cf. 1 Cor 6, 19).

Aprendi, e também sempre ensinei, que o batismo nos faz filhos de Deus; que a partir da recepção do sacramento adquirimos o “estado-de-graça”. Ora, eu penso que esse estado-de-graça nada mais é do que a tomada de posse do Espírito Santo, a autorização para que Ele se apodere de mim, para que inicie em mim o “estado-de-oração” permanente, o relacionamento constante com o Pai, a oração verdadeira dentro de mim.

Isso me faz recordar o encontro de Jesus com a Samaritana. Ambos estavam com sede, mas a sede da Samaritana era mais profunda, mais existencial. Então, para dessedentá-la, Jesus lhe falou de uma fonte interior que verte água viva ininterruptamente: “Quem bebe da sua água voltará a ter sede. Mas aquele que bebe da minha água, esse nunca mais terá sede, pois a água que eu lhe der se tornará, dentro dele, uma fonte a jorrar para sempre!” (cf. Jo 4, 13-14).

A Samaritana procurava se saciar com amores humanos - sete maridos já tinha tido - mas não se satisfazia. Jesus fez com que ela compreendesse que sua sede era saudades do Amor, saudades de Deus, e que no seu interior estava o verdadeiro Esposo, o divino Espírito Santo. Acolhendo-o em seu coração ela estaria em conexão contínua com Deus, e isso a plenificaria.

Compreendo agora que o pedido da Samaritana “Senhor, dá-me dessa água!” é um pedido essencial, que eu também preciso repetir frequentemente, pois ele exprime o desejo de entrar em sintonia com a oração do Espírito Santo existente em mim; exprime o desejo de permanecer sempre em oração. “Reze sem cessar; não deixe extinguir-se o Espírito que mora em seu coração”. (cf. 1Ts 5, 17-19).

Como um tesouro escondido

No Evangelho, por meio de parábolas, Jesus fala diversas vezes do Reino. Três de suas histórias, bem curtas por sinal, são: a parábola do tesouro escondido, que o lavrador encontra num campo; a parábola da pérola preciosa comprada pelo viajante. (cf. Mt 13, 44-46); e a parábola da moeda perdida (cf. Lc 15, 8-9).

Parece-me que Jesus quer me ensinar que todas as pessoas, tanto os pobres (o lavrador, a dona de casa) como os ricos (o negociante), todos estamos à procura de algo essencial e que, finalmente, essa preciosidade se encontra em nós mesmos, pois o lavrador encontrou o tesouro no terreno que estava lavrando e a mulher acabou encontrando a moeda dentro da própria casa.

Eu penso que é no campo do meu coração que estão: o

tesouro escondido, a pérola de grande valor, a fonte que jorra para a eternidade. Sinto que, para chegar a essa preciosidade interior, devo estar disposto a vender tudo, isto é, a relativizar o que não é essencial; disposto a lavar o superficial para atingir o mais profundo; disposto a varrer a casa, limpando-a das sujeiras acumuladas a fim de desobstruir a via que permitirá o aparecimento do tesouro, o brilho da pérola e o escorrer livre da fonte.

“Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”. (cf. Lc 12, 34). Eu quero que o tesouro do meu coração seja essa presença silenciosa, amorosa e querida do Espírito Santo, rezando continuamente dentro de mim. Quero estar consciente de que carrego esse tesouro, pois meu coração respira em plenitude, mas nem sempre o percebo; meu coração é um coração-em-oração, mas nem sempre percebo os seus gemidos inefáveis; meu coração resplende em grande luminosidade, mas nem sempre percebo o seu clarão. Quero compreender que todas as técnicas de oração que me ensinam não poderão ter outra finalidade do que tornar-me consciente da oração que continuamente brota do meu ser mais profundo. A minha oração pessoal deverá ser um exercício diário para tornar consciente esse estado-de-oração inconsciente que mora no meu íntimo. Ela deverá manifestar a superabundância da oração existente no meu coração. “A boca fala daquilo de que o coração está cheio”. (cf. Mt 12, 34).

Lugar sagrado

No livro do Gênesis, ao falar da criação do homem, a narrativa bíblica diz que “o homem se tornou um ser vi-

vente a partir do momento em que Deus insuflou nele um sopro de vida” (cf. Gn 2,7). Então eu penso que toda criatura humana existe por um querer de Deus. Eu existo porque em mim Deus colocou o seu sopro de vida!

Penso ainda que, dentro de mim, há um lugar sagrado onde carrego esse sopro divino; é o ponto interior da minha espiritualidade, do meu relacionamento com Deus Pai e Criador; relacionamento com o sopro inicial da Vida. É a morada do Espírito Santo em mim; o lugar da oração constante que jorra para a eternidade.

Por não termos uma palavra acertada para definir esse ponto sagrado interior (a alma, o espírito, o eu mais profundo), utilizamos o vocábulo “coração” que, por sinal, é utilizado muitas vezes na linguagem bíblica para significar a essencialidade do ser humano. Coração: meu lugar sagrado interior, minha centralidade espiritual, minha busca de sintonia com a oração do Espírito Santo.

Lembro a passagem do profeta Isaías que, em nome de Deus, recrimina aqueles que “fazem oração apenas com os lábios, mas não com o coração” (cf. Isaías 29, 31). Lembro a promessa de Deus – “Darei para vocês um coração novo no qual colocarei o meu espírito; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” (cf. Ez 36, 26-27).

Vejo ainda como símbolo da oração interior a parábola do filho pródigo na qual Jesus ensina que o jovem, depois de gastar todos os seus bens, isto é, depois de desgastar-se, correndo atrás de futilidades, “entrou em si” e deu-se conta de que na “casa de seu Pai havia bens em abundância” (cf. Lc 15, 11-24). Encontrou dentro de si

“caindo em si”, diz o Evangelho) os bens que o iriam satisfazer plenamente: roupa magnífica, calçado nos pés, anel no dedo, manjar apetitoso, festa, música, a presença e o abraço do Pai ... Há um verdadeiro tesouro esperando por mim, na casa do meu coração interior. Preciso exercitar-me na ação de entrar em mim mesmo; de sair da superficialidade e do consumismo desenfreado que me impedem de encontrar a irrecusável necessidade do coração: a antiga e sempre nova sede do Amor, das saudades de Deus, doador da Vida.

O exercício da presença de Deus

Ao estudar a espiritualidade de Marcelino Champagnat, eu percebo que uma das práticas de oração que ele priorizou bastante na sua vida pessoal e que recomendou com insistência aos primeiros Irmãos, foi o “exercício da presença de Deus”. Esse tema aparece ao longo de toda a sua vida, desde quando era seminarista (nas resoluções pessoais) até o final da vida (no Testamento Espiritual). É tema citado em suas cartas, nas instruções aos Irmãos e em sermões aos paroquianos.

Em que consistia esse exercício? Na sua época era um esforço constante (exercício), para lembrar-se da presença de Deus ao longo do dia. A mentalidade religiosa reinante era fortemente marcada por certo dualismo – alma e corpo, sagrado e profano, “vida no mundo” e “vida religiosa”. O corpo, o mundo, o profano ... eram considerados lugares não sagrados. Então, ao longo do dia, era preciso lembrar-se da presença de Deus, quando se estivesse nesses ambientes. Para tanto, vários pequenos meios práticos foram aparecendo. Assinalo apenas

dois: a “oração da hora”, que consistia em parar a atividade profana em andamento, para fazer uma breve oração, cada vez que o sino do campanário batia hora cheia; e a frase “Deus me vê” colocada em todas as salas de uso comunitário.

Se a pessoa tivesse uma imagem negativa de Deus, um Deus observador, que castiga as más ações, então era levado a praticar uma religião do medo, sempre aflito pela possibilidade de pecar e de ser condenado. Se a pessoa tivesse uma imagem positiva de Deus, um Deus misericordioso e bom, então sentia-se bem em estar na sua presença. A frase “Deus me vê”, para ela, significava “Deus me ama” !

Marcelino tinha forte e positiva experiência de Deus, considerado como um “Bom Pai”. Da mesma forma, considerava Maria como “Boa Mãe”. Sentia-se bem sob o olhar de Deus. Eu penso que ele era iluminado, talvez, pela expressão do salmo 66: “Que a vossa face resplandeça sobre mim, Senhor”. Para mim, face resplandecente é uma face feliz, sorridente. Então é bom sentir-se assim, sob o olhar amoroso, satisfeito, de um Deus que é Pai.

Eu desenvolvo com mais profundidade os temas: imagem de Deus e exercício da presença de Deus, na espiritualidade de Marcelino e dos primeiros Irmãos, no curso para leigos maristas “Projeto Violetas”. Aqui, estou apenas acenando para esse modo de oração que, efetivamente, ajudou muitas pessoas no caminho da santidade. “Anda em minha presença e serás perfeito” (cf. Gn 17, 1).

Faço a transposição do “exercício da presença de Deus”, da época de Marcelino, em que, por assim dizer, o relacionamento era com um Deus “além”, no céu, para

o “exercício da presença de Deus” agora, em nossos dias, quando eu percebo que se trata do relacionamento com um Deus “aqui”, dentro de mim. Tomo consciência de que a presença de Deus está em mim, não está fora de mim. Então o meu exercício da presença de Deus é o “exercício” de voltar-me, de vez em quando, para o meu interior, para o meu coração, onde está a presença amorosa, silenciosa e orante do divino Espírito Santo. Isso é fazer o exercício da oração interior.

Como fazer a oração interior?

Não preciso necessariamente estar na Capela, na Igreja ou num lugar sagrado para fazer a oração interior. Como se trata de estar na presença do Senhor, consigo realizá-la em qualquer lugar, desde que disponha de uns minutos de concentração. Consciente de que carrego comigo o lugar sagrado, procuro sentar-me em posição cômoda, de preferência numa cadeira que me permita manter a coluna ereta, as pernas e os braços não cruzados. Tomo atitude de acolhimento: olhos fechados e palmas das mãos sobre os joelhos. Relembro o conselho de Jesus: “Quando você quiser rezar entre no seu quarto, feche a porta e ore ao seu Pai em quietude, e Ele, que vê até em lugar oculto, o recompensará. E nas suas orações não multiplique as palavras como fazem os pagãos, que julgam que serão ouvidos à força de muitas palavras. Não seja assim! Pois o Pai sabe o que você precisa, antes mesmo que você peça” (cf. Mt,6, 6-8).

Para mim, o “entrar no seu quarto” significa entrar no próprio interior, isto é, no meu eu mais profundo; o “fechar porta e janela” é concentrar-se, procurando se-

gurar a imaginação; e o “não usar de muitas palavras” é contemplar, é permanecer em silêncio meditativo.

Escolho uma expressão ou palavra sagrada, por exemplo: “Senhor, Senhor!” ou “Abba, Pai” e deixo-a presente no meu espírito. Mas não perco muito tempo para escolhê-la, pois não vou me concentrar no seu significado, nem vou ficar refletindo sobre ela. Ela me servirá apenas como âncora para me manter concentrado. Cada vez que percebo minha mente divagando (ela adora fazer isso, pois é como o macaquinho irrequieto, pulando de galho em galho), simplesmente retorno suavemente à presença do Senhor, repetindo mentalmente o refrão escolhido. Sim, cada vez que percebo que a minha atenção fugiu, que estou distraído (pensamentos, emoções, barulhos, sensações ...) repito a palavra sagrada muito suavemente, sem me culpar. Ela quer significar a minha intenção de permanecer na presença de Deus; ela é o consentimento que dou à ação divina no meu coração.

Importante nesse momento é que eu esteja calado, entregue, simples, quieto, diante de Deus. Apenas ESTAR. Não preciso dizer nada, não preciso pedir nada. Deus sabe de antemão e exatamente aquilo que me preocupa e tudo quanto preciso. Não busco “sentir” emoções; busco apenas “ficar” diante do Senhor. Não se trata de alienação, mas de voltar-me para o centro e entrar em SINTONIA com a oração constante que o Espírito Santo realiza em mim. “Eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês um Advogado que permanecerá com vocês para sempre. Ele é o espírito da verdade. O mundo não o pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vocês, porém, o conhecem, porque ele mora em vocês, e estará sempre dentro

de vocês. (cf. Jo 14, 16-17).

Para mim, o exercitar-se na oração interior é praticar o exercício da presença de Deus, tão querido do padre Champagnat, tão característico da espiritualidade marista. Na época dos primeiros Irmãos, era o exercício de pôr-se na presença de Deus; hoje, é o exercício de tomar consciência de que a presença de Deus está dentro de mim. “Você esquece, por acaso, que é templo do Espírito Santo, desse Espírito que está em você, que lhe foi dado por Deus?” (cf. 1 Cor 6, 19).

Que frutos me advêm dessa oração? Sinto serenidade e paz, sinto transformação interior. Talvez mais do que eu, são as outras pessoas que percebem em mim a “fonte de água viva que jorra para a vida eterna”, da promessa de Jesus à Samaritana. Permanecendo na presença do Senhor, sinto que Ele vai curando o coração dos meus medos e traumas; vai me dando força e alegria na caminhada. Sinto apelo à vida espiritual; sinto atração pelo deserto interior. “Vou seduzi-lo; vou levá-lo ao deserto para falar-lhe ao coração!” (cf. Os 2, 16).

(Irmão Ivo Antônio Strobino –
Curitiba, novembro de 2015)



*Considerações
finais*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa literatura marista, temos vários exemplos de pessoas simples, que se abriram para o mistério da oração. O Irmão Francisco, Superior Geral do Instituto Marista é uma delas. O Ir. Gabriel Michel nos revela um belíssimo texto do Ir. Francisco:

Quando se dá corda a um relógio público ou de bolso, ele vai sozinho e marca as horas sem a gente pensar, contanto que não se coloque obstáculo. Da mesma forma, quando a alma estabeleceu de verdade o império do amor de Deus em si mesma, a intenção de sua vontade é sempre a de fazer por amor de Deus e para agradecer-lhe em tudo quanto faz, sem mesmo pensar nisso, atualmente, ou a isso se resolver (Ir. Francisco).

Assim como o Ir. Francisco, Basílio se deixou guiar pela ação de Deus. Soube estabelecer em sua vida o primado do amor a Jesus. Foi um homem apaixonado por Deus e misericordioso com as pessoas. Um dos seus mais fortes ensinamentos é a configuração da nossa vontade à vontade de Deus, por meio da obediência. Nele o império do amor a Deus se traduziu em vida, não mais vivida para si, mas inteiramente para o Reino.

Para nós, Maristas de Champagnat, Basílio se eleva como modelo de seguimento e de fidelidade à Igreja e à família marista. Soube captar o essencial da espiritualidade de São Marcelino, e traduzi-la para o seu tempo.

Que a seu exemplo, possamos ser transfigurados em homens e mulheres abertos à ação de Deus, vivendo a comunhão, a mística e a profecia.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

RUEDA, Irmão Basílio. Carta Sobre a Oração. Curitiba: Ed. Champagnat, 2015.

RUEDA, Irmão Basílio. Prática sobre a oração. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 1973.

BIGOTTO, Giovanni. Irmão Basílio Rueda Gusmán. Homem de Deus. Vol.1 Brasília: Umbrasil, 2013.

FLORES, Irmão José. Hermano Basílio Rueda Guzmán. México DC: Editorial Progreso, 1997.

